

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS PROFESSOR ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM FILOSOFIA**

SEBASTIÃO RENILDO MOREIRA ANDRADE

UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE O EXISTENCIALISMO DE SARTRE

**PARNAÍBA
2018**

SEBASTIÃO RENILDO MOREIRA ANDRADE

UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE O EXISTENCIALISMO DE SARTRE

Monografia apresentada à Universidade Estadual do Piauí, Campus Alexandre Alves de Oliveira como requisito para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Filosofia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Solange Aparecida de Campos Costa.

PARNAÍBA
2018

Dedico a Deus, o autor da minha vida, a Anastácia, minha fiel guardiã, aos meus pais: Sebastião da Costa Andrade (in memoriam) e Maria de Jesus Moreira Andrade, a minha esposa Sandra Mendes Moura, pelo amor incondicional, a minha filha Juliana Mendes Moura Andrade e amigos pela compreensão e o estímulo.

AGRADECIMENTOS

A Deus, nosso pai e criador

Que ilumina todos os meus caminhos para que eu atinja o meu ideal, que me protege em todos os momentos da minha vida e me dá forças para superar os momentos de aflição e angústia.

À professora orientadora Prof^a. Dr^a. Solange Aparecida de Campos Costa, por acreditar nesse trabalho desde o início, pela paciência e atenção durante as orientações, pelo crescimento que me proporcionou durante esse período em seus ensinamentos, dedicação e compromisso.

À Professora Ms. Roberta Liana Damasceno Costa e ao Professor Thiago Ayres de Menezes Silva, pelas contribuições, palavras de incentivo e carinho que confortaram-me quando precisei.

Aos meus irmãos e irmãs, pelo apoio incondicional, dedicação e incentivo à minha volta aos estudos.

A minha família, em especial a minha mãe Maria de Jesus Moreira Andrade, minha madrinha Francisca Rocha de Sousa e minhas tias Teresinha de Jesus Andrade e Francisca da Costa Andrade. Todas sempre me apoiaram e ensinaram a importância da persistência na realização dos sonhos.

A minha sobrinha Prof^a. Luciane Andrade Lima, pelo incentivo e apoio dispensados ao seu tio.

Aos meus amigos Genes Brito Sobrinho e Prof^o. Dr. Vitor de Athayde Couto, pelo apoio e companheirismo durante essa etapa de formação.

À Professora Maria Gardene das Chagas Carvalho, pelos seus ensinamentos, palavras de incentivo e apoio quando precisei.

A minha esposa Sandra Mendes Moura e filha Juliana Mendes Moura Andrade, que não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida. Com quem pude partilhar meus momentos de angústia e de conquistas.

Aos meus amigos e amigas.

Por fim, agradeço a todos que estiveram comigo nessa caminhada, vocês fazem parte dessa vitória.

“Sem a crença num destino e propósito coletivos do todo social, são os indivíduos que devem, cada um por si, dar sentido à vida. Tarefa que já não era fácil nos melhores tempos, torna-se verdadeiramente desanimadora quando nenhum sentido pode contar com apoio seguro — pelo menos não o bastante para sobreviver ao esforço da própria adoção”. Zygmunt Bauman

RESUMO

Compreender qual é o sentido da existência humana é um propósito que persiste desde os primórdios da filosofia até os dias atuais. Pode-se afirmar que ainda será por muito tempo assunto para indagações, análises e reflexões filosóficas. Na antiga Grécia, berço de grandes filósofos, Sócrates (c. 470-339 a.C.) exortava seus alunos com a máxima “conhece-te a ti mesmo”. Outros pensadores de épocas posteriores também tiveram, como objeto de estudo e reflexão, a condição humana. Na modernidade, Descartes (1596-1650) eterniza seu pensamento na certeza do “cogito ergo sum”, ponto de partida para sua teoria do conhecimento. Na contemporaneidade, em meados do século XIX, o pensamento existencialista de Soren A. Kierkegaard (1813-1855) finca as bases para o existencialismo do século XX. Jean-Paul Sartre (1905-1980), figura máxima desse tipo de pensamento, tem seu olhar voltado para o concreto, o singular, o vivido, tendo como prioridade a existência. A obra de Sartre será fundamental para o pensamento existencialista da contemporaneidade, pois, ele ergue sozinho, uma doutrina ímpar desvinculada de influências externas ou referências alheias. Sartre tem como ponto de partida para seu pensamento a máxima: “a existência precede a essência”, ou seja, a primazia do existir humano em detrimento de seu projeto. Seguindo esse princípio, a liberdade é condição primeira para a consecução da vida. Daí advém a tremenda responsabilidade na tomada de decisões voluntárias pelo homem. Desespero, angústia e desamparo decorrem por conta de estarmos em nossas subjetividades, sozinhos no mundo e sempre sujeitos à obrigação da auto escolha. Na ausência de um projeto ou de uma essência que o caracterize como humano, é o homem que por ele mesmo se humaniza e torna-se réplica de todos os homens. Pensar politicamente o nosso momento sob o viés do existencialismo sartriano, é também observar a tomada de posição do filósofo frente às tendências políticas da sua época. Atualmente, o que se observa diante da instabilidade política em nosso país, é uma generalizada apatia quanto aos rumos tomados por aqueles que nos representam. O que leva o povo brasileiro a agir por má-fé. Portanto, se existe má-fé por parte dos brasileiros, esta advém da falta de cultura política. O Brasil é um país jovem. Sua tradição política é voltada para o interesse das classes dominantes. Trazer a lume algumas questões pertinentes ao nosso momento político atual é gratificante para nós e, quem sabe, também o seria para Sartre, ao perceber o quanto se faz presente e necessária sua doutrina para se pensar hoje o homem e os seus problemas.

PALAVRAS – CHAVE: Angústia. Existencialismo. Liberdade. Política.

RESUME

Comprendre quel est le sens de l'existence humaine est un propos qui persiste depuis l'aube de la Philosophie jusqu'à nos jours. On peut signaler que le sens de l'existence restera, pour longtemps, un sujet sur lequel on posera des questions, on fera des analyses et des réflexions philosophiques. Dans la Grèce ancienne, berceau de grands philosophes, Socrate (c. 470-339 a.C.) exhortait ses élèves moyennant la phrase "connait toi-même". D'autres penseurs qui se sont suivis ont élu, en tant qu'objet d'étude et réflexion, la condition humaine. Dans la modernité, Descartes (1596-1650) a perpétué sa pensée autour de la certitude "*cogito ergo sum*" - point de départ pour sa théorie de la connaissance. Plus récemment, au milieu du XIX^{ème} siècle, la pensée existentialiste de Soren A. Kierkegaard (1813-1855) fonde les bases de l'existencialisme du XX^{ème} siècle. Jean-Paul Sartre (1905-1980), situé au premier rang de ce type de pensée, se penche sur le concret, le singulier, le vécu, ayant l'existence comme chef d'oeuvre. L'oeuvre de Sartre sera fondamentale pour la pensée existentialiste contemporaine. Pourquoi? Parce qu'il va bâtir, tout seul, une doctrine originale, détachée des influences extérieures ou des références d'autrui. La pensée sartrienne a, comme point de départ, la thèse: "l'existence précède l'essence", soit disant, la primauté de l'existence humaine au dépens de son projet. Suivant ce principe, la liberté est la condition première pour la réalisation de la vie. D'où provient l'immense responsabilité autour de la prise de décisions volontaires de l'homme. Désespoir, angoisse et impuissance sont la conséquence de nos subjectivités, de notre solitude dans le monde, obligés de faire nos choix personnels. Faute d'un projet ou d'une essence qui puisse caractériser l'homme en tant que humain, il s'humanise et devient l'archétype de tous les hommes. Penser politiquement notre moment, en partant de l'existencialisme sartrien, c'est quand même remarquer la prise de position du philosophe face aux vagues politiques de son époque. A ces jours, ce que l'on observe face à l'instabilité politique dans notre pays c'est une apathie généralisée, en ce qui concerne le projet politique qui n'intéresse qu'à ceux qui nous représentent. Cela conduit le peuple brésilien à agir de mauvaise foi. Soit disant, s'il existe mauvaise foi chez les Brésiliens, celle-ci provient du manque de culture politique. Le Brésil est un jeune pays. Sa tradition politique bouge en faveur des intérêts des classes dominantes. Poser quelques questions concernant le moment politique actuel nous semble très enrichissant et peut-être aussi à Sartre, face à l'actualité de sa doctrine, indispensable pour comprendre l'homme contemporain et ses problèmes.

MOTS – CLES: Angoisse. Existencialisme. Liberté. Politique.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
CAPÍTULO 1.0 – O CAMINHO PARA O EXISTENCIALISMO.....	11
1.1 A origem do existencialismo.....	11
1.2 Breves considerações sobre o percurso sartriano.....	20
CAPÍTULO 2.0 – SARTRE E O EXISTENCIALISMO.....	30
2.1 Um modo de se pensar o homem e os seus problemas.....	30
2.2 Liberdade com responsabilidade.....	39
CAPÍTULO 3.0 – FAZ SENTIDO O EXISTENCIALISMO HOJE?.....	42
3.1 À guisa de uma breve introdução ou sobre o desespero em Sartre.....	42
3.2 A atualidade do pensamento sartriano: considerações iniciais.....	44
3.3 A liberdade como primado do homem: gotas do contratualismo.....	48
3.4 Sartre e a liberdade pelo horizonte da contemporaneidade.....	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
REFERÊNCIAS.....	62

A553b Andrade, Sebastião Renildo Moreira.

Uma breve reflexão sobre o existencialismo de Sartre / Sebastião Renildo Moreira Andrade. - 2018.

64f.

Monografia (graduação) – Universidade Estadual do Piauí - UESPI, Curso Licenciatura Plena em Filosofia, *Campus Prof. Alexandre Alves de Oliveira*, Parnaíba-PI, 2018.

“Orientador(a): Prof. Dra. Solange Aparecida de Campos Costa”.

1. Existencialismo. 2. Política. 3. Liberdade.

I. Título.

CDD: 100

INTRODUÇÃO

Este trabalho de pesquisa e reflexão, discorre sobre o pensamento filosófico de Jean-Paul Sartre (1905-1980). Embasado em estudo e pesquisa, mostra de forma simples os significados dos principais conceitos inseridos nessa filosofia, sem no entanto vulgarizá-la. Isso faz com que possamos adentrar sem maiores dificuldades, no pensamento desse que tornou-se o expoente máximo dessa corrente de pensamento denominada: Existencialismo. Sartre, filósofo francês, criou e divulgou sua doutrina em meados do século passado, mais precisamente logo após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Seu pensamento está voltado para a existência humana. É nesse sentido também que este trabalho se dirige: entender a vida sob o viés do existencialismo sartriano.

Sartre, como se verá mais adiante, no cerne desse trabalho, vê o homem como um constante fazer-se. Pois sob seu ponto de vista, somos jogados no mundo sem nenhum propósito. Daí dizer-se: a existência precede a essência, na versão dessa linha de pensamento. Se somos nós que idealizamos e realizamos o nosso projeto de vida, subentende-se uma ampla liberdade de ação de nossa parte. Essa liberdade que nos impulsiona em direção à vida, segundo Sartre, traz sérias consequências para nós, pois por termos consciência e autonomia e, por estarmos inseridos no mundo à revelia, temos o tempo todo de agir com responsabilidade e efetivar nossas escolhas para o nosso bem e para o bem de todos.

Para a realização da presente pesquisa utilizamos além das obras clássicas de Sartre como *O Ser e o Nada*, *O existencialismo é um humanismo* e *A Náusea* o apoio de comentadores reconhecidos como Gerd Borheim, Bernard-Henri Lévi e Franklin Leopoldo da Silva, entre outros.

Para tratar de explicitar o existencialismo sartriano o trabalho está dividido do seguinte modo:

O primeiro capítulo apresenta uma breve retomada histórica do próprio existencialismo, como uma corrente que chega a seu ápice com Sartre, mas que surge muito antes na história da humanidade. Neste capítulo também delinea-se o percurso do filósofo, tentando entender como sua biografia influencia sua prolífica produção teórica.

O capítulo dois aborda os conceitos fundamentais do existencialismo em suas obras mais importantes, dialogando com os comentadores. Este capítulo discute noções basilares para Sartre como liberdade, responsabilidade, desamparo, angústia e desespero, de modo a entender como se configura o homem frente as contingências que constituem o mundo.

O terceiro capítulo propõe uma análise ousada, ao aliar o pensamento de Sartre aos dilemas da política atual brasileira. A ideia é sugerir a possibilidade de pensar o existencialismo como uma resposta aos problemas contemporâneos, sem é claro, distorcer a filosofia de Sartre. Esse capítulo sugere a atemporalidade da filosofia sartriana, ao aventar sua constante atualidade.

Nesse sentido, a filosofia sartriana, apesar de estar concentrada em meados do século XX, posterior portanto, ao pessimismo advindo das duas grandes guerras mundiais, se mostra absolutamente atual, visto que, trata da existência humana apresentando, sobretudo, um conceito completamente original de liberdade. Vivemos contemporaneamente um tempo de crise. A política mundial e também a nossa frágil democracia, sofre as agruras de uma turbulenta instabilidade. O estudo da filosofia sartriana torna-se, então, extremamente necessário a uma época como a nossa, quando a noção de responsabilidade das ações deve ser requerida como prioridade. Desse modo, entender os elementos que impulsionam a filosofia sartriana em seu contexto é, sem dúvida, um passo importante. Mas, principalmente investigar e assumir a responsabilidade tal como o filósofo a defende em suas obras, é vital para instigar e proteger a liberdade que nos caracteriza como homens.

1.0 O CAMINHO PARA O EXISTENCIALISMO

1.1 A origem do existencialismo

Compreender qual é o sentido da existência humana é um propósito que persiste desde os primórdios da filosofia até os dias atuais e, categoricamente, pode-se afirmar que, ainda será por muito tempo um dos assuntos primordiais para indagações, análises e reflexões filosóficas. Já na antiga Grécia, berço do pensamento filosófico tal como o conhecemos e pátria dos mais insignes pensadores, Sócrates (c. 470-399 a.C), dentre outros filósofos, através de seu método maiêutico de ensino exortava seus alunos com a máxima “conhece-te a ti mesmo”, na qual estava embutida toda uma filosofia voltada para a compreensão da existência humana:

Na concepção socrática, só uma resposta é possível: O homem é a sua alma, identificada com a razão, com a atividade humana pensante e eticamente operante. A alma é o elemento que identifica o eu consciente: é a própria consciência intelectual e moral. Devido a isso, por ser a alma a essência do homem, compete a cada indivíduo e, de modo especial, aos educadores, fazer com que o escopo principal da vida seja a cura da própria alma. (SILVA, 1994, p.57-58)¹.

Também outros pensadores de épocas posteriores aos grandes filósofos gregos tiveram como objeto de estudo e reflexão, a condição humana e dedicaram-se na busca de respostas para questionamentos sobre a existência do homem na face da terra. Agostinho de Hipona (354 – 430), filósofo e teólogo cristão, considerado um dos santos doutores da igreja católica, autor da magnífica obra de cunho teológico: *A Cidade de Deus*, escrita entre 413 e 427, firmava seu pensamento na teologia cristã e, segundo ele, somente o cristianismo poderia mostrar aos homens a maneira certa pela qual eles poderiam viver. E assim, foram muitos aqueles que se engajaram na busca de respostas para o sentido da vida humana. René Descartes (1596 – 1650),

¹ Vale ressaltar que não é escopo deste trabalho, e nem tão pouco nosso propósito, o aprofundamento no cerne da filosofia socrática. Nosso principal interesse nesse pensamento, está voltado principalmente para o que reza a tradição no que diz respeito à existência humana. Tomamos Sócrates como ponto de partida, por ser ele dentre outros de sua época, um dos mais renomados pensadores da Grécia Antiga, tido como precursor do pensamento racional direcionado aos problemas relativos à condição humana.

tido como pai da filosofia moderna, encerra no bojo de sua obra filosófica toda uma fundamentação de caráter existencialista, e em resposta a sua angustiante dúvida existencial eterniza o seu pensamento na certeza inquestionável do “Cogito ergo sum”: Penso, logo existo, que tornou-se o ponto de partida para sua teoria do conhecimento. Por outro lado, Blaise Pascal (1623 – 1662), contemporâneo de Descartes, filósofo e acima de tudo ardoroso e devoto cristão, durante sua breve existência, pois morreu jovem com apenas 39 anos de idade, sempre manteve o foco de seu pensamento direcionado para a natureza do homem, na qual antevia a inconstância, a inquietude e o tédio, como sendo a síntese da miséria humana, e assim, tal qual Agostinho (354 - 430), buscava na redenção e na graça de Deus o conforto para a inquietante insatisfação da vida.

Portanto, para que possamos discorrer sobre o existencialismo tendo-o como doutrina ou corrente filosófica, num primeiro instante se faz necessário buscar na tradição, traços comuns que nos guiem rumo à compreensão de tal pensamento. E podemos dizer que tais elementos reincidem constantemente através dos tempos, pois orbitam insistentemente em torno da eterna dúvida gerada pela incerteza da vida com os seus indecifráveis mistérios. E sem sombra de dúvida, podemos afirmar que ainda por muito tempo perdurará, possibilitando assim em sentido amplo, campo para a reflexão e o filosofar de incontáveis gerações de pensadores.

Na contemporaneidade, para que o movimento existencialista se mostrasse da maneira tal qual ele é, podemos assegurar que este teve suas bases diretamente fincadas no pensamento do filósofo dinamarquês, Soren A. Kierkegaard (1813-1855), mas acima de tudo, para que se possa entender o que na verdade é o “Existencialismo”, sua fundamentação e o seu propósito, é necessário buscar nos estudiosos a definição que estes fazem do mesmo e, sinteticamente dentre outros, Blackburn (1997), assim o define:

Designação vaga de várias tendências filosóficas que enfatizam alguns temas comuns, como o indivíduo, a experiência da escolha e a ausência de uma compreensão racional do universo - com o conseqüente temor ou sentimento do absurdo da vida humana.

Essa combinação sugere um tom e um estado de espírito emocionais, em vez de um conjunto de teses dedutivamente relacionadas entre si: o existencialismo de fato atingiu seu apogeu na Europa com o desencanto que se seguiu à Segunda Guerra Mundial. No entanto, o primeiro pensador importante a trazer à luz esses temas foi Kierkegaard, cuja obra é, em geral, considerada fundadora do existencialismo. As obras existencialistas, por um lado, reagem contra o ponto de vista de que o universo é um sistema fechado, coerente e inteligível: e, por outro, veem a contingência daí resultante como um motivo de consternação. Perante um universo indiferente, somos de novo postos face a face com a nossa própria liberdade. Agir com autenticidade é, então agir à luz do horizonte de possibilidades que o mundo oferece. (BLACKBURN, 1997, p.133-134).

Segundo Penha (2001), no seu livro: *O Que É Existencialismo*, é corriqueira a ideia de que na filosofia existencialista torna-se evidente em suas vertentes, a influência de particularidades e vicissitudes vivenciadas pelos pensadores desta corrente. O que leva a crer que tal filosofia em sua abrangência na verdade, engloba distintas linhas de pensamento. Tornando-a assim não uma doutrina, mas acima de tudo uma maneira particular de se filosofar sobre a existência humana, partindo da singularidade de seus pensadores.² Tal característica, torna-se bastante explícita quando se adentra na vida e no pensamento do principal influenciador do existencialismo moderno, Soren A Kierkegaard (1813-1855), diz o autor:

Kierkegaard é um dos filósofos que mais exemplarmente correspondeu a semelhante descrição. Pensador solitário, suas desventuras pessoais, o ambiente em que se formou, de rigoroso puritanismo luterano exerceram influência determinante em sua filosofia, mera tentativa, segundo alguns, de explicar seus infortúnios, as relações conflituosas com o pai e a noiva, protagonistas de acontecimentos cruciais de sua existência (PENHA, 2001, p. 13-14).

Kierkegaard, filósofo dinamarquês nascido em Copenhague em 1813, moldado sob a égide dos fortes preceitos do luteranismo, que em seus princípios, decorrentes da moral cristã, enfatiza a propensão humana para o pecado, traz do seu pensamento religioso, forte aliado para

² Mas, também, podemos perceber, que esse modo distinto e singular de se pensar o homem e a sua existência, na contemporaneidade, adquiriu novos contornos, diferentes das bifurcações do existencialismo longo. Pois diante da inexorabilidade dos dois grandes conflitos armados, unanimemente, todos os pensamentos giraram em torno do nada da existência, ao mesmo tempo em que confluíam para a certeza da ineficácia da liberdade diante das circunstâncias advindas da guerra.

o ataque a todo tipo de sistema filosófico que pretenda objetivamente dar conta de todos os problemas, principalmente aqueles referentes a existência. O filósofo verá em Hegel (1770 - 1831), com sua filosofia do “espírito absoluto”, o alvo perfeito para os seus ataques, visto que este mais do que outros, utilizando-se da razão impregnada no seu sistema filosófico, determinava-se a equacionar e resolver todas as questões advindas na busca pela realidade de todas as coisas:

Sua aversão a qualquer sistema impeliu-o a confessar no prólogo de *Temor e Tremor* não se considerar um filósofo, mas apenas um amator. Afiava desconhecer qualquer sistema e duvidava que existisse algum, comprometendo-se a não escrever nada que se assemelhasse a um sistema. A existência humana na versão de Kierkegaard, não pode ser explicada através de conceitos, de esquemas abstratos. Um sistema, insiste, promete tudo, mas não pode oferecer absolutamente nada, pois é racional, a realidade é tudo, menos sistema. No diário, ele escreve que diante de uma situação concreta que enseja solução, mesmo um filósofo tenta resolvê-la fora do sistema a que se filia. As soluções preconizadas pelos sistemas não são seguidas por seus criadores quando se encontram em apuros. Na vida cotidiana, os criadores de sistemas se valem de alternativas diferentes daquelas que recomendam para os outros. (PENHA, 2001, p. 16).

Percebe-se que para Kierkegaard, o olhar subjetivo em seu caráter singular, voltado para a realidade do mundo concreto que nos rodeia, é muito mais importante do que a visão conceitual abstrata e universalizada do pensamento objetivo de Hegel, segundo ele, as coisas e, principalmente os indivíduos em suas singularidades, jamais podem ser compreendidos em suas realidades através da impessoalidade das abstrações. Em contraponto à ideia absoluta, torna-se evidente, no cerne do pensamento existencialista religioso de Kierkegaard, a superioridade do singular. Dentre todos os seres existentes na face da Terra, certamente o mais singular que existe é o homem. Portanto, este, singular, e não aquele das categorias abstratas e uniformizadas, é que será a base para o existencialismo religioso cristão de Kierkegaard. Dentro do pensamento do filósofo dinamarquês, em sua definição, o homem é tido como sendo espírito e representa em sua totalidade a polarização de qualidades que geralmente são atribuídas parcialmente as

coisas existentes, ou seja: em sua conformação o homem é um ser finito e infinito, em sua temporalidade ele é efêmero e eterno, e no ato de escolher não é ele totalmente livre.

Assim, do homem, espírito posto no mundo, nada passa despercebido e segundo o filósofo, lhe são atribuídas na sua existência, três etapas principais: estética, ética e religiosa. Na primeira etapa, manifestam-se a dúvida e a procura pelo sentido da existência, ao mesmo tempo em que ele, o homem, guiado pelos sentidos, percebe-se totalmente livre e senhor do seu destino. Então, diante da fugacidade da vida envereda a esmo por caminhos por ele mesmo escolhidos, pois, segundo o filósofo, diante da falta de critérios ou de uma lógica que o norteia em suas decisões e escolhas, torna-se racionalmente impossível ao homem discernir o modo certo de viver. Consequentemente isto só lhe traz insatisfação e tristeza, posto que agir sob seus próprios ditames ou guiado pelos impulsos, não determina ou lhe garante a tão sonhada resposta para o sentido da sua existência. Consciente de tal incapacidade diante da vida, torna-se desmotivado e triste e busca consolo na reminiscência do seu passado, medida que também se mostra sem valor, pois justificar o sentido da vida tendo tão somente em conta um passado repleto de escolhas ou decisões aleatórias e inconsequentes, é manter-se indefinidamente no círculo vicioso do sem sentido da vida desregrada. Isto leva-o ao desespero e a ansiedade. Mas é nesse momento crucial do seu existir que o homem percebe o desespero, não como um obstáculo, e sim como um trampolim para uma nova e promissora etapa da sua vida: a “ética”.

Nesta nova etapa, o viver ético traz ao homem a possibilidade de romper com o desespero e a incerteza do primeiro estágio. Pois mesmo sendo livre diante da vida, percebe que para vivê-la com ética, é preciso submeter-se às regras a aos limites impostos pelo meio no qual vive. Mas, se esse freio moral que lhe impõe responsabilidades, contrapõe-se ao estético, aquele patamar em que aleatoriamente exercia a sua vontade ao bel prazer, essa situação também não lhe proporciona a tão almejada existência, pois viver eticamente é viver com restrições e escolhas vigiadas.

Segundo Kierkegaard, a solução para o problema existencial encontra-se na religiosidade, terceira e última etapa desse longo caminho. O homem guiado pela fé, ao voltar-se para a religiosidade, que é o único caminho a seguir em busca de Deus, vai de encontro a tão almejada solução para sua existência. Tendo Deus como referência e regra para suas decisões, pode ele então escolher com segurança. Pois aquilo que lhe foi negado pela ética, agora lhe é dado pela fé. A fé tudo suplanta, até mesmo a razão, que diante da angústia e da incerteza da vida torna-se impotente:

O cavaleiro da fé conhece o entusiasmo que dá a renúncia ao sacrificar-se pelo geral, quanta coragem é necessária para isso; mas também sabe que há nessa conduta uma segurança que se obtém ao agir pelo geral; sabe que é magnífico ser compreendido por todas as almas nobres, e de tal forma, que aqueles que o considera ainda se enobrece a si próprio (KIERKEGAARD, 1979, p. 261)

O filósofo húngaro, Edmund Husserl (1859-1938), pai da fenomenologia e criador do método fenomenológico, também teve relevante papel na gênese do existencialismo do século passado. Foi grande a sua influência no pensamento de Jean-Paul Sartre (1905 – 1980), que anteviu na sua fenomenologia, a possibilidade há muito almejada por ele, de descrever filosoficamente os objetos que a ele se mostrassem. Mas, é óbvio que não é somente esta particularidade que o torna importante dentro de existencialismo.

A fenomenologia teve a sua origem, em um período no qual estava arraigada a certeza de que a ciência com seu objetivismo, poderia reinar absoluta no campo do conhecimento da natureza de todas as coisas. Mas, com o passar do tempo e com o avanço dos estudos científicos, percebeu-se que a própria ciência, não poderia prescindir da subjetividade humana na efetivação do seu propósito. É neste contexto que Husserl estabelece o seu pensamento:

Em consonância com essa “humanização” das ciências, Husserl introduz a noção de “intencionalidade”. A intencionalidade, eis o postulado básico da fenomenologia, é a característica fundamental da consciência, pois é através dela que aquilo que o objeto

é se constitui espontaneamente na consciência. A intencionalidade estabelece uma nova relação entre o sujeito e o objeto, o homem e o mundo, o pensamento e o ser, ambos inseparavelmente ligados. (PENHA, 2002, p. 22).

É, portanto, nessa relação simbiótica entre sujeito e objeto, que se estabelecem as possibilidades básicas para uma futura fundamentação que soerga os diversos patamares do pensamento existencialista em meados do século passado.

Martin Heidegger (1889-1976), filósofo alemão, oriundo de Messkirch, vilarejo de camponeses no sul da Alemanha, aluno de Husserl, tido como existencialista, muito embora essa denominação fosse refutada na sua *Carta sobre o Humanismo*, pois segundo ele, tal categorização se encaixaria melhor ou mais precisamente àqueles pensadores que tinham como objeto de reflexão a existência humana em caráter particular, o que de certo modo não é o caso e nem o escopo de sua filosofia. O que se pode perceber, é que o seu pensamento estava voltado muito mais para uma profunda investigação e, conseqüentemente, para uma posterior fundamentação teórica sobre o “Ser”; tema recorrente desde os primórdios do labor filosófico e de ampla abrangência ontológica, mas que de maneira nenhuma invalidava a investigação de caráter particular da existência.

Está em questão todo o ser do homem, que se costuma apreender como unidade de corpo, alma e espírito. [...] Quando, porém, se coloca a questão do ser do homem, não é possível calculá-lo como soma dos momentos de ser, como alma, corpo e espírito que, por sua vez, ainda devem ser determinados em seu ser. [...] ao se determinar a essência deste ente 'homem', a questão de seu ser foi esquecida. Ao invés de questioná-lo, concebeu-se o ser do homem como 'evidência', no sentido de ser simplesmente dado junto às demais coisas criadas... (HEIDEGGER, 2006, p. 92-93).

Heidegger propõe, pela analítica existencial, distinguir-se de toda ciência positiva e antropologia filosófica, mas ainda assim se ocupa de uma abordagem da existência, só que vinculada a hermenêutica da facticidade, ou seja, o homem não é um objeto a ser conhecido e desvendado, mas o que se questiona é ser-aí humano, em seu modo de ser fundamental.

[O homem] Será precisamente o objeto e a tarefa da analítica existencial de Ser e Tempo. Este jargão, recorrente na obra do filósofo, não deve ser tomado por uma pretensão qualquer ou pedantismo. Trata-se na verdade de definir diferentemente a metafísica, mediante um método também novo. Ora, esse sentimento da existência de que falaram os existencialistas antes de Heidegger, como irredutível a todo saber racional e a toda teoria, “esse saber que não se sabe como tal”, é já, para o autor de Ser e Tempo, uma interpretação implícita da existência. A analítica existencial não permite mais ao homem aceder a qualquer transcendência superior; é nele mesmo que se encontra o sentido do ser. É o homem que faz advir o ser. Assim, o estudo do ser necessita de um estudo prévio do próprio homem, em que o homem, não é mais a parte de um sistema, mas aquilo a partir do quê um sistema pode estabelecer-se (HUISMAN, 2001, p. 102-103).

Pautado nessa convicção, Heidegger faz com que o homem transpareça nas suas investigações como mola propulsora das engrenagens ontológicas. A partir de então estabelece limites e diferenças entre o “Ser” ontológico e universal e o “Ente” ou aquele que realmente existe no mundo: o “Ser-aí”, o “Dasein” ou o “Homem”. É através da sua existência que o homem tem diante de si a possibilidade de afirmar-se no mundo, diferentemente das coisas que são determinadas. Este privilégio permite ao homem ou ao Dasein, definir aquilo que realmente ele é, ou seja: ser humano e distinguir –se daquilo que ele não é, ou seja, as coisas:

O homem autêntico é aquele que reconhece a radical dualidade entre o humano e o não humano. Desconhecê-la é mergulhar na inautenticidade, é sofrer uma queda, porque os “existencialia” são necessidades ontológicas imprescindíveis ao ser humano, e que no estado de inautenticidade tendem a se degradar. A queda é um estado de decadência, de derrelição, de desamparo. (PENHA, 2001, p.32).

Portanto, é a partir dessa descrição sucinta do conceito de existência em Heidegger, que vislumbra-se por meio de analogia, o pensamento de um dos mais cultuados existencialistas de todos os tempos: Jean-Paul Sartre.

Sartre é francês nascido em Paris, e tido como pai do movimento ou corrente filosófica, surgido na França logo após o término da Segunda Guerra Mundial, denominado Existencialismo. Tem o seu pensamento voltado segundo Huisman (2001) para o concreto, o

singular, o vivido, tendo como prioridade e existência. As teses fundamentais do seu pensamento estão contido na sua obra *O Ser e o Nada*.

O Ser e o Nada, publicada em 1943, durante a Segunda Grande Guerra. Por ser esta, uma obra de difícil leitura, tornou-se alvo dos críticos da época: O Ser e o Nada representou o amadurecimento das ideias acerca das quais há muito Sartre vinha refletindo [...]. Embora surgido em meio a um acontecimento que centralizava a atenção de todos, a luta contra a barbárie nazista, o livro despertou bastante polêmica. Mas só depois de terminada a guerra é que a celeuma assumira enorme proporção. Inicialmente os críticos se levantaram contra a linguagem da obra, extremamente difícil diziam. (PENHA, 2001, p.41).

Então, diante das críticas e polêmicas surgidas pela incompreensão de muitos para com sua obra e o seu pensamento, Sartre decide de modo o mais palatável possível divulgar suas ideias. O que se deu em outubro de 1945, no início do pós guerra. Inclusive foi nesse acontecimento, a sua famosa conferência cujo título era: “O Existencialismo é um Humanismo”, que ele realmente se assumiu como existencialista, termo criado pela mídia da época. Nesta conferência, torna-se evidente a pretensão do filósofo, que consistia em rebater as pesadas críticas passadas feitas a ele e a sua obra *O Ser e o Nada*. É o que faz e de modo simples e didático, expõe e esclarece numa linguagem fácil a sua doutrina, que também era de grande interesse.

A obra de Sartre será fundamental para o pensamento da contemporaneidade; tido por Alain Renaut como sendo o “último filósofo”, ergue sozinho uma doutrina ímpar, desvinculada de quaisquer influências externas ou referências alheias. É aí, que então se mostra, em todo seu esplendor a singularidade de Sartre. Torna-se manifesta a sua proeza de criar um pensamento que se basta em si mesmo:

Definitivamente, Sartre-o pai do existencialismo – construiu uma filosofia sem precedente, e talvez sem sucessor. Não tinha herdeiro: quis ser o primeiro, o único a fundar um verdadeiro pensamento da existência sem referências às doutrinas anteriores, sem vínculo com filosofias prévias que considerava, quase todas, “ultrapassadas”. (HUISMAN, 2001, p.145).

Estudar o nascimento do existencialismo, nos incita a pensar sobre o próprio itinerário do filósofo, que deveras foi percorrido por um longo caminho conturbado e cheio de contradições: característica ímpar do século XX, que em seu curto período na escala do tempo, trouxe para a humanidade, os mais significativos avanços em todas as áreas do desenvolvimento – apesar do estigma indelével das duas grandes guerras. Sartre, podemos dizer, viveu e conviveu no século das grandes transformações, sejam elas políticas, econômicas ou sociais, e que, de certo modo, direta ou indiretamente propiciaram-lhe sem sombra de dúvida, terreno fértil para a semeadura de suas ideias e conseqüentemente o florescimento de sua doutrina.

1.2 Breves considerações sobre o percurso satriano

Jean-Paul Sartre, filósofo francês nasceu em Paris em 21 de junho de 1905. Tendo como pais: Jean-Baptiste Marie Eimard Sartre e Ane-Marie Schweitzer. Além de filósofo, foi também literato, dramaturgo, crítico literário e ensaísta. Discorreu sobre os mais variados assuntos, tais como: política, cinema, pintura etc. Mas, acima de tudo, Sartre foi um intelectual engajado nas causas libertárias da sua época. Vale ressaltar que tal engajamento não se dava de forma político-partidária, pois sua participação em tais causas ou movimentos políticos davam-se através de seus artigos e manifestos, ou até mesmo por meio de entrevistas.

Segundo Huisman (2001), Sartre era proveniente de família da média burguesia francesa e seu pai, Jean- Baptiste, foi oficial da Marinha; sua mãe, Anne Marie, era oriunda de uma família importante da Alsácia: os Schweitzer. Ane Marie, é bom destacar, era prima do renomado Nobel da Paz, Albert Schweitzer, humanista, missionário, filantropo, músico e médico alemão, mundialmente famoso pelo seu trabalho humanitário em Lambarenê na África.

Ainda pequeno Sartre ficou órfão. Pois, com pouco menos de dois anos de idade, perdeu o pai Jean- Baptiste, que morreu com apenas 32 anos de idade, portanto, em plena

mocidade. A partir de então, o juvenzinho passou aos cuidados da mãe e dos avôs materno, que o criaram com dedicação e carinho. Com a ausência do pai, Sartre sentia-se segundo ele: *como um bastardo*, mesmo *tendo* todo afeto e toda disposição da mãe e dos avós. Nos primeiros anos de infância, o pequeno Sartre já demonstrava precocemente grande vivacidade e destacada inteligência, o que fez com que seu avô Charles Schweitzer, o encaminhasse às primeiras letras, passe para grande aventura e descoberta de um mundo advindo dos livros, seus grandes companheiros, e que num primeiro instante, aleatoriamente lhes eram destinados, prenúncio talvez de seu posterior ecletismo em se tratando de leitura.

Leu de modo voraz tudo o que lhe foi permitido ler. E concebeu através da leitura, aquilo que de outro modo não se daria, ou seja: a base para torna-se escritor. E, a partir de então o pequeno “Poulou”, como era carinhosamente chamado por todos ao seu redor, enveredou-se, levado pela fértil imaginação, pelo caminho das palavras, de maneira precoce e imprevista, criando assim ludicamente seus primeiros contos:

Os mil volumes da biblioteca do avô inspirá-lo-ão desigualmente, pois as histórias em quadrinhos de Nick Carter ou Les Aventures de Pardaillan, como todos os filmes vistos com sua mãe influenciaram mais “Poulou” do que Corneille, Hugo ou Balzac, que devia ler e reler frequentemente. Aos seis anos, escreveu já *Le Marchand de bananes*, *Pour un papillon* e outros contos de fadas. Seu círculo incentiva-o a escrever: oferecem-lhe uma máquina de escrever, mãe e avó recopiam suas “obrinhas” e extasiam-se com elas. Poulou exulta, mas Sartre será severo para as primeiras elucubrações de um garotinho superdotado (HUISMAN, 2001, p.119).

Um fato inusitado, porém bastante curioso que jamais foi esquecido por Sartre, se deu em parte de sua infância. De relevância em sua história de vida, pois segundo o filósofo, foi a partir de então, que ele próprio tomou conhecimento de uma nova verdade que lhe era alheia: *a constatação de sua fealdade*, que em suas próprias palavras, ditas em uma entrevista registrada em filme sobre a sua vida, sem nenhuma mágoa ou rancor foi categórico: “*Sim, minha fealdade*

era uma forma da injustiça das coisas”. Para ilustrar bem esse fato dispomos desse interessante relato:

Um grande acontecimento parece –nos digno de ser evocado. É o episódio do corte de cabelo. Charles Schweitzer leva um belo dia Poulou (cujos cachos são admirados por todos e todas) ao barbeiro mais próximo. Manda-lhe quase raspar a cabeça e Jean-Paul se ver brutalmente reduzido ao que era realmente: um patinho feio, um ser de uma feiura excepcional. Ele toma nesse dia, pela primeira vez, consciência de sua feiura. Viverá setenta anos nessa convicção: seu físico será o de um ser pequeno, gordo, vesgo e muito feio. Vai querer mal a seu avô por ter revelado assim sua verdadeira natureza, em tão tenra idade (HUISMAN, 2001, p. 119).

O início da educação formal de Sartre, deu-se somente aos dez anos de idade. Mas por causa do novo enlace de sua mãe, que casou-se com Joseph Mancy, concluiu somente o quinto e o sexto ano no Liceu Henri-IV de Paris, onde foi matriculado por intermédio de seu avô. Depois, contra sua própria vontade, teve que se mudar de Paris para La Rochelle, cidade portuária ao sul da França, onde o seu padrasto naquela época exercia a função de diretor de construção naval dos estaleiros Delaunay-Bellville. Durante o período em que morou em La Rochelle, Sartre estudou por três anos no liceu daquela cidade no qual por experiência própria, segundo HUISMAN: “[...] “aprenderá a violência” e a “injustiça social”. Odiará seus condiscípulos (que lhe pagarão na mesma moeda), brigará com eles sem poder encontrar em casa o mínimo consolo, pois sente-se rejeitado, incompreendido, estrangeiro” (HUISMAN, 2001, p. 120). Então, diante de tanta insatisfação e por intermédio do padrasto retorna à Paris onde o avô, matricula-o no mesmo estabelecimento de ensino em que oficialmente estudou pela primeira vez: o Liceu Henri-IV. Plenamente feliz nesse período que transcorre sem transtornos. Sartre foi laureado várias vezes neste liceu, prêmios diversificados, em virtude de seu excelente desempenho escolar. Com brilhantismo e com sucesso concluiu o ginásial e o preparatório para adentrar na Escola Normal Superior, objetivo que atingiu em 1924. Sartre, em sua autobiografia, destaca este período *‘como sendo o melhor de sua vida’*.

Uma das características da Escola Normal Superior, não condiz com o próprio nome da instituição, pois seu corpo discente era formado pela *anormalidade*, pelo menos na época, de mentes brilhantes, os melhores estudantes franceses e, dentre aqueles que por ali passaram, podemos destacar alguns além de Sartre, que são personagens influentes no pensamento francês do século passado: Raymond Aron (1905-1983), Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), Claude Lévi-Strauss (1908-2009), Simone Weil (1909-1943) e por último e não menos importante, podemos citar: Simone de Beauvoir (1908-1986), que marcou definitivamente e transcendeu as discussões do seu tempo. Foi nesse ambiente cultural fértil e propício à *intelligentsia* francesa de então, que o jovem Sartre desabrochou e mostrou-se brilhante entre seus pares. Contrastando com sua fealdade, o seu talento, permitia-lhe livre acesso entre as moças e a mocidade francesas atraídas pelo seu brilho. E de quando com os amigos, nas rodadas de cervejas nas mesas dos cafés da Rive Gauche ou dos bares do Quartier Latin, Sartre era a *estrela*, o centro das atenções e com sua verve liderava os constantes debates filosóficos. Foi durante um desses debates regado a cerveja por volta de 1928, que alguém não menos que Simone de Beauvoir, jovem de 21 anos de idade, muito culta e muito bonita conheceu Sartre que tinha então 24 anos e, a partir de então seria sua alma gêmea, sua amada, amante, amiga companheira por muitos longos anos, até o último dia de vida do grande filósofo em 1980.

O ano de 1928 foi marcante na vida de Sartre. Pois, além de trazer-lhe aquela que seria sua outra metade, seu álgter ego, trouxe-lhe também o diploma do curso de filosofia da Escola Normal Superior. Neste mesmo ano compulsoriamente ele ingressou no serviço militar, servindo-o em Tours, onde desempenhou a função de meteorologista. Logo após o término do serviço militar, em 1931, Sartre obteve através de concurso, uma cátedra de filosofia numa escola secundária: o Liceu do Havre, onde exerceu de modo bastante peculiar a docência:

Professor, Sartre saberá fascinar seus fiéis, exasperar seus alunos mais conformistas e desconcertar a administração que não compreenderá nada da psicologia desse “maluco”. Não tinha nada de mestre. Desejava “estar ligado” a seus alunos, falava-

lhes como a camaradas, contava-lhes seus próprios centros de interesse: cinema, literatura, os grandes escritores da época, o movimento das ideias (surrealismo, psicanálise, marxismo), suas teses pessoais sobre a percepção, a imaginação ou as emoções (HUISMAN, 2001, p.122).

Foi durante esta etapa de sua vida, que culminou na eclosão da Segunda Grande Guerra, que Sartre, por influência de Raymond Aron, filiou-se ao Instituto Francês de Berlim e, conseqüentemente, passou o ano de 1933 na Alemanha, lugar no qual tomou conhecimento dos pensamentos dos filósofos Husserl e Heidegger, que foram de suma importância, pois este contato influenciou bastante o filósofo francês na fundamentação da sua doutrina existencialista. Foi através desses filósofos, que Sartre adentrou na obra de Kierkegaard, tido como um dos percussores do pensamento existencialista do século XIX. Sartre também lecionou durante dois anos no Liceu Pasteur de Neuilly e, em 1939, foi convocado para defender o seu país da ofensiva alemã. Feito prisioneiro, posteriormente conseguiu escapar do campo de concentração no qual estava aprisionado e, por motivos de saúde, foi dispensado das fileiras do exército francês.

Em 1938, um ano antes do início da Segunda Guerra Mundial, Sartre publicou oficialmente, depois de várias versões, *A Náusea*, romance que encerra em seu bojo uma verdadeira introdução à sua filosofia existencialista. Sartre foi um escritor prolífico e eclético de vasta produção filosófica e literária, dentro da qual podemos destacar além de *A Náusea*, a sua obra mais famosa: *O Ser e o Nada*, publicada em 1943, em pleno desenrolar do segundo conflito nos campos de batalha.

Nesta época beligerante foi atuante diante da ocupação de seu país pelos alemães e, mesmo que de forma indireta, atuou contra o colaboracionismo ao criar, ao lado de Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), o grupo “Socialismo e Liberdade”, como forma de resistir aos alemães. Sartre, logo após a desocupação em 1944, ou seja: depois da saída dos invasores alemães da França, com a repercussão do livro *O Ser e Nada*, tornou-se famoso e, com fim da

do conflito em 1945, sua doutrina existencialista tomou proporção mundial, destacando-o assim, como figura ímpar do existencialismo francês. Vale a pena lembrar que diante do sucesso e da fama, obtidos por ele, vieram as críticas contundentes sobre o próprio Sartre e a sua supra citada obra, tida como de difícil compreensão. Diante disso, Sartre promove em outubro de 1945, a sua famosa conferência intitulada: “O Existencialismo é um Humanismo”, com propósito de expor de forma simples e didática todo o seu pensamento:

Gostaria de defender aqui o existencialismo contra um certo número de críticas que lhe têm sido feitas. Primeiramente, criticaram-no por incitar as pessoas a permanecerem num quietismo de desespero, porque, estando vedadas todas as soluções, forçoso seria considerar a ação neste mundo como totalmente impossível e ir dar fim a uma filosofia contemplativa, o que aliás nos conduz a uma filosofia burguesa, já que a contemplação é um luxo. Nisto consistem sobretudo as críticas comunistas [...] Por outro lado, criticaram-nos por acentuarmos a ignomínia humana, por mostrarmos em tudo o sórdido, o equívoco, o viscoso, e por descurarmos um certo número de belezas radiosas, o lado luminoso da natureza humana [...] censuram-nos por não termos atendidos à solidariedade humana, por admitirmos que o homem vive isolado [...] E o lado cristão censuram-nos por negarmos a realidade e o lado sério dos mandamentos de Deus e os valores inscritos na eternidade [...] Tais são as censuras a que eu procuro responder hoje (SATRE, 1978, p.3).

Durante o período que vai do pós-guerra até o ano de sua morte em 1980, mundialmente famoso, Sartre torna-se atuante na cena política e cultural do seu país e do mundo. De partida, em outubro de 1945, lança sua revista: *Tempos Modernos* e logo em seguida expõe desta feita, através da literatura, sua conferência: *O Existencialismo é um Humanismo*, que transforma-se em grande sucesso literário. Posteriormente, Sartre toma certo comedimento em relação à sua produção filosófica propriamente dita e volta-se mais para o romance e para dramaturgia, que na verdade são estilos distintos utilizados por Sartre para focar os problemas advindos da existência humana, cerne de sua doutrina existencialista. São dessa lavra os romances que fazem parte da trilogia, *Os Caminhos da Liberdade: A Idade da Razão (1945)*, *Sursis (1945)* e *Com a Morte na Alma (1949)*, todas as três obras tratam do tema mais central do pensamento satriano, a liberdade entendida como condição e possibilidade humana, que em síntese assim podem ser definidas:

O problema da ação e da liberdade constitui o tema da trilogia de romances *Os Caminhos da Liberdade*. No primeiro da série, *A idade da Razão* (1945), as questões individuais predominam, a história e a política são panos de fundo. Mathieu Delorme, jovem professor de filosofia, procura a liberdade pura, sem compromisso de qualquer espécie; Brunet, ao contrário, personifica a renúncia da liberdade pessoal em favor do engajamento político; Daniel ilustra a tese gideana da liberdade como ato gratuito, sem qualquer motivo; Jacques abandona os sonhos juvenis de liberdade para casar-se, ter um trabalho, viver uma vida regular. No segundo volume da trilogia, *Sursis* (1945), os acontecimentos políticos revelam que os projetos de vida individuais são, na verdade, determinados pelo curso da história, tornando-se ilusória a busca da liberdade num plano puramente pessoal: a liberdade é sempre vivida “em situação” e realizada no engajamento de projetos voltados para interesses humanos comunitários. Apenas um compromisso com a história pode dar sentido à existência individual. Em *Com a Morte na Alma* (1949), último romance da trilogia, Mathieu ilustra a tese do engajamento gratuito; ele arrisca a própria vida apenas para retardar algumas horas a investida das tropas alemãs (SARTRE, 1978, p. XII-XIII).

No campo da dramaturgia, Sartre escreve as peças teatrais: *Mortos sem Sepultura* (1946), *Mãos Sujas* (1948) e *O Diabo e o Bom Deus*, todas de cunho político-social. E como ensaísta destacam-se: *Baudelaire* (1947) e *Saint Genêt* (1952).

O conteúdo da vasta obra literária de Jean-Paul Sartre, de longe lhe garante a primazia de pai do existencialismo. Pois, não bastasse apenas a parte teórica de sua doutrina, tão bem fundamentada, a diversidade de estilos que tomou como difusores do seu pensamento, corrobora o seu propósito: levar adiante o existencialismo para todos aqueles de sua época. O existencialismo como corrente filosófica, foge bastante da tarefa usual atribuída a filosofia, que de modo geral se concentra na produção de um pensamento reflexivo rigorosamente articulado que visa encontrar respostas verdadeiras para os mais variados problemas do homem, esse posicionamento dará margem ao longo dos séculos às mais diversificadas especulações e teorias. O pensamento existencialista sartriano, no entanto, afasta-se num primeiro instante desse propósito; pois, rompe o envoltório teórico reflexivo que é ponto crucial para o pensamento filosófico, e eclode no mundo real; transformando assim pensamento em ação. Essa maneira pragmática de se fazer filosofia, para muitos distancia-se do verdadeiro mister do

filósofo *com todas as letras*, mas para Sartre, também *com todas as letras*, pelo contrário: torna-se o verdadeiro filosofar.

Daí, podemos perceber, o motivo pelo qual o existencialismo tornou-se tão popular. E, também podemos dizer, com toda garantia, o que é raro de se ouvir em relação a maioria dos outros filósofos: *Sartre verdadeiramente viveu o seu tempo e a sua doutrina*. Distinguir nos seus escritos ou até mesmo nas entrelinhas da sua vasta obra, aquilo que provavelmente venha ser filosofia ou literatura, é tarefa delicada. Porque ambas, estão intrinsecamente ligadas de tal forma que torna-se quase impossível separá-las. Ambas completam-se e, qualquer investida com esse propósito, torna-se em vão, pois desvinculá-las é torná-las substancialmente amorfas. Mas, este comentário ainda não é bastante para validar o trabalho eclético de Sartre. Para que isso aconteça, se faz necessário acima de tudo, destacar a presença e a figura do filósofo como *ser-no-mundo*, em total liberdade de ação, pondo em prática seu pensamento. Sartre correu mundo, furou chão. Além de participar efetivamente em questões referentes à política, também aderiu algumas causas libertárias, foi revolucionário em todos os sentidos. Em 1952, filiou-se ao Partido Comunista mas, sendo avesso ao engajamento partidário, atuou ao lado os comunistas de modo reservado. Defendeu o *Marxismo* com ardor doutrinário a tal ponto que chegou a defini-lo como sendo: “*A filosofia insuperável do século XX*”.

Dentro da concepção sartriana de que o marxismo constitui a “filosofia de nosso tempo,” o existencialismo é concebido como “um território encravado no próprio marxismo”, que, ao mesmo tempo, o engendra e o recusa. O marxismo de Sartre é assim, um marxismo existencialista, dentro do qual o existencialismo seria apenas uma ideologia. Um segundo aspecto de sua doutrina consistiria no modo pelo qual Sartre procura resolver o problema das relações materiais de produção, através do projeto existencial. O que não significa que se trate de um existencialismo tingido de marxismo. Significa antes que, se o saber é marxista, sua linguagem pode ser a linguagem do existencialismo. (CHAÚÍ, 1978, p. XV-XVI)

Defensor contundente na época dessa confluência *existencial marxista*, Sartre mostrou-se ferrenho diante das críticas de Raymond Aron, Albert Camus (1913-1960) e

Maurice Merleau-Ponty, revelando-se assim um polemista hostil para com os próprios companheiros. Mas, com o passar do tempo, ciente de fatos negativos advindos do stalinismo, Sartre pode então rever seu posicionamento diante da prática comunista e, conseqüentemente afastou-se do partido em 1956.

Sempre disse que minha maneira de pensar era diferente do Partido. Não é um jogo duplo. Convencia-me em certos momentos, de que as pseudo-idéias do Partido deviam conter verdades, apoiar-se numa base sólida e de que seu aspecto ridículo era apenas superficial. Na verdade, estava impressionado porque o Partido Comunista dizia ser o partido dos operários. Acho que é um erro. Um intelectual precisa encontrar algo a que se apegar, e eu encontrara aquilo, como tantos outros (LEVY, 1981 p. 27).

Diante da guerra separatista da Argélia em 1958, então colônia francesa no norte da África, que no auge chegou a tal ponto de até mesmo se prever uma guerra civil na França, devido aos ânimos acirrados dos franceses contra ou a favor da emancipação argelina, Sartre tomou partido em favor do povo da Argélia que defendia sua causa com extrema violência e constantes ataques ao seu país, confirmando assim acima de tudo a sua veia libertária:

Se eu visse e desejasse os argelinos menos violentos do que eram, estaria pactuando com os outros franceses; eu teria novamente aderido à França. Era preciso que eu visse os argelinos como homens maltratados, crucificados pela França, que lutavam contra os franceses porque eram injustos. E eu, sou francês, eu sou injusto com eles, porque há uma responsabilidade coletiva mas, ao mesmo tempo, eu aprovo, e é nisso que eu me distingo da maioria dos outros franceses, eu aprovo que esses homens torturados lutem contra os franceses (LEVY, 1981 p. 51).

Em 1964 é agraciado com o prêmio Nobel de Literatura pela academia de Estocolmo, mas recusa-o: pelo fato, segundo ele, tendencioso, da academia premiar preferencialmente escritores alinhados ao bloco capitalista. Já bem próximo do fim, Sartre produz o livro “*O Idiota da Família*”, obra inspirada em Gustave Flaubert, escritor francês, na qual reúne e expõe todo um apanhado dos seus métodos e conceitos, concebidos durante sua longa vida engajada na

busca de conhecimento sobre a existência humana, sua grande paixão. Sartre morreu em 15 de Abril de 1980, deixando para posteridade uma obra monumental e inigualável em todos os aspectos.

2.0 SARTRE E O EXISTENCIALISMO

2.1 Um modo de se pensar o homem e os seus problemas

O existencialismo, surgido em meados do século passado na França, no período do pós-guerra e que ganhou força a partir de 1945, tal como tratamos no capítulo anterior, pode ser definido de modo sucinto, como sendo um movimento ou corrente filosófica, encabeçado por jovens escritores e filósofos franceses.

Dentre estes sobressai a figura emblemática do filósofo Jean-Paul Sartre (1905-1980), que naquela época, diante do caos e do niilismo advindos com a derrocada proveniente do segundo grande conflito mundial, buscou através de seu pensamento, respostas compatíveis com os mais diversos questionamentos. Acima de tudo, daqueles despertados pela curiosidade sobre o significado da vida e o real sentido da existência humana. Pensamento este tão bem fundamentado em sua mais relevante obra filosófica: *O Ser e o Nada*, editada em 1943 na França. Por ser esta obra em sua totalidade de cunho filosófico e de difícil acesso ao entendimento de todos, tornou-se alvo fácil de rejeição e críticas contundentes, por parte das mais diversas camadas da sociedade francesa da época.

Consequentemente, fez-se necessário por parte desse filósofo, cumprir uma tarefa que posteriormente se mostraria bem sucedida, a saber; levar a público e adiante, a sua doutrina existencialista. No intuito de rebater as constantes críticas à sua obra, à sua doutrina e à sua pessoa, Sartre concebeu e, logo em seguida proferiu a sua famosa conferência intitulada: *O Existencialismo é um Humanismo*, em outubro de 1945, em Paris e, posteriormente a publicou em 1946. Corroborando com o que foi dito logo acima: o filósofo propositadamente e, em resposta à crítica contumaz, trouxe a lume o cerne de sua doutrina para o entendimento do grande público segundo ele; de modo simples e didático.

Sartre toma como ponto de partida para sua exposição, a máxima que era bastante comum a todos aqueles que defendiam ou professavam o existencialismo aos moldes da época: *a existência precede a essência*. Tal mote, encerra em seu conteúdo uma hipótese que é um dos pilares que soerguem o existencialismo, a saber: a primazia do existir do ser humano, em detrimento ou oposição daquilo que foi primado pela tradição ao homem, ou seja, a prevalência da sua essência sobre a sua existência. Para Sartre o homem não é um ser determinado assim como são as coisas, que apenas são o que são. Nesse sentido, uma cadeira, por exemplo; é na verdade somente uma cadeira, pelo simples fato de que antes de existir foi projetada para ser uma cadeira e nada mais. O homem, pelo contrário, no pensamento de Sartre, em primeira instância ele existe, e só depois e conseqüentemente dependendo de sua vontade e da sua livre escolha, determina-se como aquilo que escolhe vir a ser, algo que é inversamente proporcional ao essencialismo tradicional:

Mas que queremos dizer nós com isso, senão que o homem tem uma dignidade maior do que uma pedra ou uma mesa? Porque o que nós queremos dizer é que o homem primeiro existe, ou seja, que o homem, antes de mais nada, é o que se lança para um futuro, e o que é consciente de se projetar no futuro. O homem é antes de mais nada um projeto que se vive subjetivamente, em vez de ser um creme, qualquer coisa podre ou uma couve-flor; nada existe anteriormente a este projeto; nada há no céu inteligível, o homem será antes mais o que tiver projetado ser (SARTRE, 1978, p.6).

Essa característica, que é intrínseca ao homem, ou seja, de primeiro existir e só depois criar a sua essência segundo Sartre, implica no fato de ser ele, o homem, totalmente livre e portanto, detentor de ampla liberdade de ação, o que o torna responsável pelos seus atos e pela sua própria história. Quando nos referimos dessa maneira, a esta característica, que sob o ponto de vista sartriano é exclusiva do homem, dentre as coisas do mundo, as coisas que são em si, de que primeiro ele existe e só depois cria a sua essência, em parte é força de expressão. Pois sabemos, que acima de tudo, o homem sartriano é pura liberdade e, se pudéssemos atribuir-lhe alguma natureza, sem sombra de dúvida esta seria a liberdade, e

esta seria a sua essência. No entanto, por ser liberdade, o *para-si*, ou seja; o homem, estará sempre fadado a ser livre de quaisquer amarras que lhe prendam ou lhe frustrem em seu projetar-se no futuro, sejam elas: amarras do passado, pois o homem é parte do seu tempo, ou amarras do seu ser, pois o homem é totalmente livre e é um constante fazer-se a si mesmo. Se assim não for, corre risco de sucumbir à *má-fé* e tornar-se um *em-si*, um objeto. A transcendência não coaduna com o retroceder do determinismo. Daí podemos deduzir que Sartre ao priorizar a existência em detrimento da essência, assim o faz tomando esta última como um conceito transitório ou um projeto sempre em via de consecução ou de andamento: Pois assim é o homem.

Seguindo esse princípio, no qual a liberdade é condição primeira para a consecução da vida, percebe-se a tremenda responsabilidade na tomada de decisões voluntárias pelo homem, tornando-o assim, em certas circunstâncias, senhor e escravo desta liberdade, que na verdade não é assim tão ampla como se apresenta neste primeiro instante. Segundo Sartre, sendo o homem um ser existente no tempo e no espaço, está diretamente ligado ao meio em que vive e, portanto, sujeito às circunstâncias e às contingências advindas do convívio social. Tudo isso faz com que este homem, diante de sua liberdade de escolha, em suas decisões particulares, vá de encontro aos entraves impostos pelas convenções sociais e, muito mais ainda, diante dos percalços impostos pela vida, tais como os conflitos e os sofrimentos, as incertezas e o medo da morte que irremediavelmente o levará, torne-se desamparado e angustiado.

A angústia proveniente da responsabilidade de se ser livre e o desespero advindo do medo das adversidades que nos são impostas pelo imprevisto, ocorrem por conta de estarmos em nossa subjetividade sozinhos no mundo e sempre sujeitos à obrigação da auto escolha: mesmo não escolhendo nada, ainda assim escolhemos algo.

Nessa ambiguidade, é que se ampara toda a nossa essência, pois ao decidirmos trilhar por um certo caminho, não teremos a certeza da escolha certa. O fato de sermos livres não nos

dá o dom de prevermos o resultado de nossas ações. E mais ainda: por convivermos em sociedade, o resultado de nossas próprias escolhas, tanto traz consequência individual quanto coletiva, pois quando escolho, escolho por mim e também pelos os outros – já que somos reflexos de nós mesmos. Daí o motivo que as vezes nos impele à covardia ou à má-fé, que se camuflam em desculpas enganosas ou motivos torpes, para prescindirmos do exercício da nossa liberdade de escolha ou para fugirmos da angústia diante do nada da nossa própria existência.

Antes de mais, quê que se entende por angústia? O existencialista não tem pejo em declarar que o homem é angústia. Significa isso: O homem ligado por um compromisso e que se dá conta de que não é apenas aquele que escolhe ser, mas de que é também um legislador pronto a escolher, ao mesmo tempo que a si próprio, a humanidade inteira, não poderia escapar ao sentimento da sua total e profunda responsabilidade. Decerto, há muita gente que não vive em ansiedade; mas é nossa convicção que esses tais disfarçam a sua angústia, que a evitam; certamente muitas pessoas acreditam que ao agirem só se implicam nisso a si próprias, e quando se lhe diz: e se toda gente fizesse assim?, elas dão de ombros e respondem: nem toda gente faz assim. Ora, a verdade é que devemos perguntar-nos sempre: que aconteceria se toda gente fizesse o mesmo? e não podemos fugir a este pensamento inquietante a não ser por uma espécie de má-fé (SARTRE, 1978, p.7).

Ao adentrarmos no âmago do existencialismo ateu sartriano, de pronto podemos perceber o quão necessário é o desenrolar da ação na trajetória de nossas vidas, não tão somente pela falta de presença divina no mundo, a ditar ou a iluminar os nossos caminhos, mas referimo-nos às circunstâncias advindas pelo acaso. A gratuidade da causalidade da vida faz com que, prevaleça a nossa atitude diante das armadilhas que nos são impostas pelo o mundo no qual vivemos e que nos põe à prova a todo instante, já que somos nós mesmos os guardiães de nossos destinos e legisladores de nossas causas, pois não dispomos, em nosso favor, nada de que possamos tomar como medida a não ser a nós mesmos.

Esta ação, característica máxima do existencialismo, imprescindível ao homem como ser de ampla liberdade, quando posta à prova diante das contingências do mundo faz com que surja e prevaleça em nossas vidas a responsabilidade, que junta-se definitivamente à nossa

liberdade tornando-se assim, fonte de nossas angústias e mãe dos nossos desesperos. O que seria então de nossas vidas que conjugamos como liberdade, se prescindíssemos da responsabilidade que nos é facultada? Provavelmente seria o caos. Sartre nesse ponto é categórico:

Mas se verdadeiramente a existência precede a essência, o homem é responsável por aquilo que é. Assim, o primeiro esforço do existencialismo é o de pôr todo homem no domínio do que ele é e de lhe atribuir a total responsabilidade da sua existência. E, quando dizemos que o homem é responsável por si próprio, não queremos dizer que o homem é responsável pela sua restrita individualidade, mas que é responsável por todos os homens. (SARTRE, 1978, p. 6).

Tão importante quanto a responsabilidade, ou até mesmo ainda mais que esta em nossas vidas, sem sombra de dúvida, podemos também incluir o resultado das nossas escolhas. Este, até mesmo por uma questão de lógica ou de bom senso, sempre firmado subjetiva e autonomamente³, transparece na maioria das vezes como o mais viável dentro das possibilidades que nos são cabíveis nesse emaranhado de contingências e gratuidades que é o mundo. Isto em outras palavras, o que queremos dizer é que escolhemos o que é melhor para nós mesmos. Mas será isto o bastante? Parece que sim. Pois se tomarmos por base ou por referência, a nossa consciência (sobre a qual falaremos mais adiante), ou o nosso próprio eu como elementos básicos de uma diversidade de conjuntos de múltiplas equivalências, onde todos os seus elementos estão intrinsecamente ligados, perceberemos que o resultado de nossas escolhas sempre recairá sobre nós mesmos, partícipes desses conjuntos que nada mais são que o mundo no qual vivemos. Daí o argumento de Sartre em favor de seu humanismo:

Quando dizemos que o homem se escolhe a si, queremos dizer que cada um de nós, ao escolher-se a si próprio, ele escolhe todos os homens. Com efeito, não há dos

³ Nesse aspecto, a subjetividade, sob o viés sartriano, vale ressaltar, adquire um novo sentido diferente daquele foi atribuído por Descartes ao cogito na modernidade. Sartre corrobora como sendo uma verdade filosófica o *Penso logo existo* cartesiano, mas distancia-se dessa máxima quanto ao seu caráter meramente solipsista e a reinterpreta não mais como uma subjetividade que somente se descobre a si mesma, mas, agora no seu modo de pensar: *descobre também os outros* (SARTRE, 1978, p. 15).

nossos atos um sequer que, ao criar o homem que desejamos ser, não crie ao mesmo tempo uma imagem do homem que julgamos que deve ser. Escolher ser isto ou aquilo é afirmar ao mesmo tempo o valor do que escolhemos, porque nunca podemos escolher o mal, o que escolhemos é sempre o bem, e nada pode ser bom para nós sem que o seja para todos. Se a existência, por outro lado, precede a essência e se quisermos existir, ao mesmo tempo que construímos a nossa imagem, esta imagem é válida para todos e para nossa época. Assim, a nossa responsabilidade é muito maior do que poderíamos supor, porque ela envolve toda a humanidade (SARTRE, 1978, p. 6)

Com segurança podemos afirmar, que um dos assuntos mais intrigantes e também porque não dizer: um dos de mais difícil compreensão por parte daqueles que buscam adentrar no cerne do existencialismo, sem sombra de dúvida é este que discorreremos agora, ou seja: a consciência ou a subjetividade concreta sob o viés sartriano. Sartre sempre deixou transparecer em seus escritos, quer sejam eles literários ou filosóficos, o seu grande interesse em compreender o homem em sua concretude, em sua existência no mundo e no seu dia a dia – isso torna-se evidente é claro. E nesta intenção, buscou apoio, percebe-se, no pensamento do filósofo alemão Edmund Husserl.

E para descrever a consciência, Sartre toma como ponto de partida a seguinte distinção dualística: de um lado, aquilo que podemos definir somente pautado nas ideias e nos conceitos e, por outro lado, aquilo que podemos definir concretamente ou seja, baseado na realidade da vida. Esses dois modelos de consciência, ou de percepção, são de grande valia para uma descrição filosófica do mundo. Diante do outro, ambos não se invalidam, são aspectos distintos mas, cabíveis filosoficamente. No primeiro caso, a consciência é abrangente, não particulariza aquilo que define ou que percebe, generaliza o que é percebido. Tornando assim a singularidade das coisas percebidas distintas do modelo originado por ela. Em outras palavras, o que queremos dizer é que quando a consciência descreve o mundo como ela imagina, ela não consegue desvelar ou trazer a lume a concretude das coisas imaginadas por ela, porque ela abstém-se do mundo e isola-se em si mesma.

Já no segundo caso, a consciência ou subjetividade, dá sentido ao mundo não através de conceitos ou abstrações, pois ela o experimenta e o define concretamente fazendo-se como parte dele mesmo. Isso acontece porque, sendo o ser humano em sua conformação concebido em corpo e mente e, estando situado em um mundo real assim como ele, onde existem coisas reais, torna-se evidente que por ele *ser-no-meio-do-mundo*, – Sartre, é bom dizer: toma emprestado esse conceito a Heidegger, filósofo que o influencia bastante, para definir essa situação –, torna-se evidente que não faz sentido algum para o existencialismo, principalmente o sartriano, se ater ao primeiro modelo abstrato e conceitual de Husserl, para incorporar-se assim podemos dizer, a consciência na sua doutrina. Daí porque ao se falar da consciência ou subjetividade sob uma perspectiva sartriana, se faz necessário demonstrar por meio de analogias essas duas distinções e formas de ver o mundo. A primeira, idealista husserliana, tomada a princípio como base fenomenológica mas não como modelo a ser seguido a risca por Sartre na sua posterior fundamentação teórica. E a segunda, concreta e realista. Esta sim: mais condizente com o projeto sartriano de conhecer o homem em sua existência e em seu mundo, dissidência do primeiro modelo deveras importante mas, não cabível no bojo do projeto existencialista de Sartre.

Podemos perceber no existencialismo sartriano, quão importante papel desempenha a subjetividade como mola propulsora da condição humana. Ao homem, por estar largado no mundo, a princípio, sem objetivo ou ideal, é quase impossível se atribuir algum tipo de responsabilidade. Pois sendo este, num primeiro instante um sem *a priori* e amoral, torna-se difícil perceber de onde advém essa responsabilidade que lhe é facultada. Mas, se relutarmos, ou insistirmos na ausência divina, tão característica do existencialismo de Sartre, poderemos perceber na própria liberdade do eu ao agir com autonomia, o caminho certo para a responsabilidade. Daí a importância dada por Sartre ao subjetivismo. Sartre sobre esse aspecto esclarece que *há dois sentidos para a palavra subjetivismo*: o primeiro seria uma auto escolha

do próprio *eu* que é inevitável e, um outro, segundo ele, sentido profundo do existencialismo: *a impossibilidade para o homem de ultrapassar a subjetividade humana*, de ir além dessa condição que lhe é peculiar. Então, diante dessa incapacidade de ultrapassar a si mesmo, o homem – aqui devemos abstrair o significado de homem como pluralidade de todos os homens, vivendo em um universo de ação –, busca sempre o que há de melhor para si e, portanto, para todos os homens. Pois como diria Sartre: “Escolher ser isto ou aquilo é afirmar ao mesmo tempo o valor daquilo que nós escolhemos, pois nunca podemos escolher o mal, o que escolhemos é sempre o bem”. (SARTRE, 1978, p. 7).

Na ausência de um projeto ou de uma essência que o caracterize como humano, é o homem que por ele mesmo se humaniza e torna-se réplica de todos os homens. E ao escolher o bem para si, não implica ou quer dizer que este seja o *Bem Universal*, mas, o bem advindo de suas próprias escolhas, tomadas racionalmente diante de inúmeras circunstâncias nas quais está implacavelmente envolvido⁴.

Pois, diante das eventuais circunstâncias e das inúmeras incertezas, o homem adquire uma responsabilidade que lhe é vital e, apesar de não ter nenhum projeto de si mesmo, arvora-se de *demiurgo* e universaliza a sua ação, resultado de suas escolhas, na intenção de estabelecer no mundo aquilo que será melhor para ele e para todos os homens. Podemos ressaltar que, em se tratando do sentido amplo de liberdade, princípio básico do existencialismo, o comum seria se perceber a primeira vista, dentro da concepção fundamental dessa doutrina da ação, a possibilidade de aleatoriamente ou ao seu bel prazer, ou simplesmente sob a sua vontade, o homem, vivente largado no mundo, sem nenhum projeto específico ou lei de antemão estabelecida, se dispusesse usufruir dessa liberdade desregradamente. Mas, no entanto, não é bem assim o que realmente acontece, na ausência de um princípio regulador ou de um Deus ou

⁴ Reforçaremos esse argumento mais adiante, embasado nas palavras de Sartre na sua obra: (*O Existencialismo é um Humanismo*, 1978, p. 7).

de alguma faculdade inata que lhe norteie a ação, o homem será ele mesmo o único responsável pela sua essência e pelo valor que ele dá à vida e às coisas que gravitam em seu redor. Assim, é no resultado de sua ação em um mundo concreto, que se contrapõe ao seu subjetivismo intransponível e singular, que existe a possibilidade única dele dar valor e significado aos seus atos. É bom lembrar que, segundo Sartre: esta ação ou escolha está sempre voltada para o bem. Isto não quer dizer que o homem seja bom, isso jamais poderemos provar. Pois inexistem o *a priori* e, tão pouco uma *natureza humana* que assim o possa defini-lo. Mas, porque acima de tudo, ou até mesmo por uma questão de raciocínio, não se escolhe *a posteriori*, aquilo que possa vir de encontro ao que se deseja ser. E, ao assumir de fato esse projeto e pô-lo em prática, o homem busca sempre o que há de melhor para consumá-lo. É nesse sentido que a liberdade torna-se um caminho para a criação de valores universais advindos mais da necessidade de se firmar no mundo do que de improváveis princípios morais. E se firmar ou *ser-no-mundo* nada mais é que partilhar com todos, um mesmo projeto que valida a experiência do *para-si* ou do homem em conjunção com o *em-si* ou com o mundo.

Um outro aspecto de grande relevância no pensamento de Sartre, diz respeito à angústia advinda com a responsabilidade de se situar nesse mundo e ter de tomar decisões calcadas somente em nós mesmos, sem nenhuma possibilidade de indulgência para com os nossos atos falhos ou posicionamentos questionáveis, que tomamos diante de certas circunstâncias que se apresentam diante de nós. Principalmente, daquelas que interferem, se assim podemos dizer, no destino de outras pessoas. Isso causa desespero porque não bastasse a nós legislar em causa própria, somos obrigados ainda a legislar em benefício dos outros. Mas não é só isso: atrela-se também a estas, outras vicissitudes, como a de construir a vida ou de se estabelecer valores sem ajuda de ninguém, cambaleiar na corda bamba da moral incipientemente estabelecida, e na ambivalência de se fazer *herói* ou se fazer *covarde*; e, por fim: na certeza implacável de se estar

só consigo mesmo e sempre fadado ao jugo da ampla e cruel liberdade. Isto é portanto, fonte de desamparo e de desespero.

Mas, como não existe um mal que não traga um bem, como advoga o senso comum, Sartre proclama veementemente que o seu existencialismo além de ser um humanismo, é também um otimismo. Pois sendo ele, um pensamento calcado na ação, toma o desespero como trampolim para alçar o homem a cada momento, rumo a novos desafios:

Assim respondemos, creio eu, a um certo número de censuras referentes ao existencialismo. Vedes bem que ele não pode ser considerado como uma filosofia do quietismo, visto que define homem pela ação; nem com uma descrição pessimista do homem: não há doutrina mais otimista, visto que o destino do homem está nas suas mãos; nem como uma tentativa para desencorajar o homem de agir, visto que lhe diz que não há esperança senão na ação, e que a única coisa que permite ao homem viver é o ato. Por conseguinte, neste plano, nós preocupamo-nos com uma moral de ação e de compromisso (SARTRE, 1978, p. 15).

2.2 Liberdade com responsabilidade

Liberdade e responsabilidade. Discorrer sem comprometimento sobre esses dois temas tão significantes dentro de um contexto puramente sartriano, é uma tarefa árdua. Não só pelo fato de não podermos desvinculá-los um do outro sem que não haja perda de significado, mas também, pela impossibilidade de nos referirmos a eles, desarticulando-os de outros temas pertinentes à doutrina existencialista. Por isso, devido a esse imbricamento necessário que faz com que esses temas abrangentes se firmem e se afirmem uns aos outros, dentro dessa corrente de pensamento, é quase impossível trilhar por um caminho que nos leve sem rodeios ao cerne desse assunto. Sartre, é bom lembrar, ao se dedicar a esses dois temas importantes, tomou-os em sua obra: *O Ser e o Nada* (1943), em conjunto. Esse também é o modo utilizamos aqui nesse trabalho de pesquisa, sempre pautado no filósofo, onde o foco principal é justamente este: compreender o papel desempenhado por ambas, *liberdade e responsabilidade*, dentro deste universo que é o seu pensamento, para que posteriormente possamos içá-las ao presente e

averiguá-las em suas validades para o nosso momento político atual. Pois, pensamos que de pouca valia seria um trabalho de pesquisa e de reflexão, que ao ser concluído, o seu resultado não criasse vínculos com o presente. Portanto, é o que mais adiante tentaremos fazer ou seja: vincular esses dois temas *liberdade / responsabilidade* sob o viés sartriano à nossa realidade política.

Segundo Sartre: “o homem, estando condenado a ser livre, pois carrega nos ombros o peso do mundo inteiro: é responsável pelo mundo e por si mesmo enquanto maneira de ser” (SARTRE, 1943, p.678). Daí poderemos concluir que sob o ponto de vista do filósofo, a liberdade, torna-se algoz do ser humano, fugindo assim do seu sentido tradicional de rompedora de grilhões, pois remete o homem ao papel de Atlas, personagem da mitologia grega, predestinando-o assim à angústia e ao desespero devido tamanha responsabilidade que lhe é imputada pelo o acaso.

Sartre toma a responsabilidade como: consciência (de) ser o autor incontestável de um acontecimento ou de um objeto (SARTRE, 1943, p. 678). Isto em outras palavras quer dizer: que sem nenhuma prerrogativa a seu favor ou algum apoio externo ao não ser o dele mesmo, o indivíduo assume-se criador de sua essência e também arquiteto e construtor do mundo no qual vive e compulsoriamente interage com os outros (*ser- no- mundo*):

Portanto, é insensato pensar em queixar-se, pois nada alheio determinou aquilo que sentimos, vivemos ou somos. Por outro lado, tal responsabilidade absoluta não é resignação: é simples reivindicação lógica das consequências de nossa liberdade. O que acontece comigo, acontece por mim, e eu não poderia me deixar afetar por isso, nem me revoltar, nem me resignar. Além disso, tudo aquilo que me acontece, é *meu*; deve-se entender por isso, em primeiro lugar, que estou sempre à altura do que me acontece, enquanto homem, pois aquilo que acontece a um homem por outros homens e por ele mesmo não poderia ser senão humano (SARTRE, 1943, p. 678).

Diante do resultado daquilo que foi exposto até aqui nesse trabalho, e principalmente no que diz respeito à *liberdade* e à *responsabilidade*, mesmo que às vezes se mostre de forma indireta, este, já nos permite vislumbrar alguns aspectos positivos nessa linha de pensamento, que tornam-se importantes para nossa pesquisa. De antemão podemos citar alguns: a autonomia

concebida por Sartre, possibilita ao homem criar sua própria moral, a responsabilidade advinda com a liberdade lhe obriga a refletir constantemente sobre as suas escolhas e decisões e essa mesma liberdade que é condição primeira de sua existência pode guiá-lo na luz ou nas trevas, caso assim o queira. E por fim, a igualdade, bastante peculiar nessa doutrina, pois *quando escolho, escolho por mim e por todos*. Isto nos faz lembrar o lema da *Revolução Francesa*, fruto do iluminismo, ideal de toda humanidade, criado na França, berço de Sartre: *Liberté, Egalité, Fraternité*, talvez um sonho, uma quimera, quem sabe... Não poderia ser diferente, pois nessa analogia percebemos o quanto o existencialismo de Sartre se mostra atual em todos os tempos.

3.0 FAZ SENTIDO O EXISTENCIALISMO HOJE?

3.1 À guisa de uma breve introdução ou sobre o desespero em Sartre

Antes de discutirmos com exclusividade o foco principal desse último capítulo que se inicia, e que é: refletir e dissertar sobre a atualidade da filosofia sartriana, ou seja, se é possível pensar o existencialismo como forma de tratar dos dilemas da contemporaneidade, principalmente no que se refere ao aspecto político brasileiro de hoje, abordaremos, alguns significados de termos que são de maior relevância dentro dessa linha de pensamento e, também fundamentais, para a compreensão do que discorreremos mais adiante.

Percebe-se, nesse pensamento, quão imprescindíveis são o uso de alguns termos do senso comum e, que aqui nessa filosofia, adquirem uma nova roupagem ou um novo sentido. Dentre estes, podemos destacar alguns: desespero, angústia e desamparo. Embora já tenhamos falado sobre eles nos capítulos anteriores, mesmo assim, se faz necessário abordá-los novamente, para compreendê-los dentro da perspectiva dos impasses da atualidade. Falar de desespero sob a concepção sartriana do termo, não é algo simples, pois precisamos, para isso, abster-nos do sentido vulgar dessa palavra, que denota em algo por demais negativo.

Quem adentra com afinco à filosofia sartriana em busca de esclarecimento, assim como o fazemos para este trabalho de pesquisa e reflexão, logo percebe uma provável relação simbiótica entre alguns termos usados, este é um imbricamento necessário, pois os termos são úteis uns aos outros. Mas, então, como se mede desespero na métrica sartriana? Como já foi dito, existe um entrelaçamento necessário de termos nesta filosofia. Para entender o desespero, primeiro é preciso, mesmo que sucintamente, entender o que são desamparo e angústia.

O desamparo sob o viés sartriano, é saber-se sozinho no mundo e sem apoio de ninguém, e, além disso, ter de sustentar e afirmar a nossa consciência ou subjetividade.

Por sua vez, a angústia se mostra decorrente do desamparo e, em seu caráter específico, torna-se em desafio por nos levar a lidar com a consciência que somos nós, sempre encarando e assumindo o peso da responsabilidade de nossas escolhas, que afeta não tão somente nossa individualidade mas, principalmente, a todos os homens.

E por fim, o desespero. Se buscássemos agora nesse instante, no léxico, o significado da palavra desespero, certamente encontraríamos: condição excessiva de desânimo em que uma pessoa se sente sem capacidade para realizar alguma coisa — ou algo bem parecido. Só que esse significado distancia-se muito e, até mesmo se contrapõe ao significado dado por Sartre a esta palavra. Para o filósofo do existencialismo, desespero significa não se esperar por nada em definitivo nesse mundo que vivemos, pois tudo que nele se apresenta é contingencial e foge ao nosso controle, dado que está para além do nosso campo de ação, devido a imprevisibilidade dos fatos. O desespero provém do convencimento e da aceitação desse absurdo que é o mundo e que é a vida. Mas, tal aceitação não é motivo para a desesperança e sim, motivo para justificar a vida, mesmo diante desse turbilhão de incertezas. Assim, não é ao quietismo e inação que o desespero conduz, mas justamente ao seu oposto, à ação, mesmo diante da imprevisibilidade dos fatos e dos acasos que o circundam.

Cotidianamente afirmamos que no mundo contemporâneo viceja o desespero como fruto da falta de esperança no potencial humano, mas esse desespero que frequentemente usamos em nossos discursos e opiniões se distancia enormemente da compreensão sartriana do termo que tratamos na discussão precedente. Tendo exposto, ao menos brevemente essa diferença, iniciemos pois, a abordagem sobre a possibilidade de pensar o existencialismo hoje.

3.2 A atualidade do pensamento sartriano: considerações iniciais⁵

Para ajudar a ponderar sobre a viabilidade do existencialismo na contemporaneidade, retomemos as palavras do próprio filósofo em sua última grande entrevista publicada pelo “Le Nouvel Observateur”, maior veículo de informação da França, concedida a Benny Lévy⁶ entre os meses de fevereiro e março de 1980, portanto, já bem próximo do fim de sua existência. Nela, o filósofo Jean-Paul Sartre, em determinado momento assim se manifestou a respeito da situação do mundo naquela época não tão distante e, nem tampouco, tão diferente desta na qual vivemos:

Com essa terceira guerra mundial, que pode estourar qualquer dia desses, com esse conjunto miserável que é o nosso planeta, o desespero recomeça a me tentar: a ideia que não acabaremos jamais com isso, que há finalidade, mas apenas pequenos fins pelo quais combatemos... Fazemos pequenas revoluções mas não existe um fim humano, não há algo que interesse ao homem, só há desordem. Pode-se chegar a pensar assim. É uma ideia que volta a nos tentar incessantemente, sobretudo quando já estamos velhos e podemos pensar — “pois é, em cinco anos, no máximo, estarei morto”— na verdade penso dez, mas poderão ser cinco. Em todo caso, o mundo parece feio, mau, e sem esperança. Esse seria o desespero de um velho que já morreu por dentro. Mas eu resisto, e sei que morrerei na esperança, dentro da esperança — mas essa esperança, teremos de fundá-la. É preciso tentar explicar porque o mundo de agora, que é horrível, não passa de um momento no longo desenvolvimento histórico, e que a esperança sempre foi uma das forças dominantes das revoluções e das insurreições — e como sinto ainda a esperança como concepção de futuro (SARTRE *apud* LÉVY, p. 63- 64).

Nesse desabafo Sartre, tendo em vista os males do mundo no qual viveu seus últimos dias, demonstra aflição em seu pensamento. Mas, ao mesmo tempo, paradoxalmente, reconhecendo a transitoriedade do mal, tendo-o como ínfimo no curso da história, vislumbra grandes mudanças advindas no futuro. Isso caracteriza justamente o desespero, que mesmo em

⁵ Sobre a atualidade do pensamento de Sartre, convém ressaltar a importante publicação em 2017 de dois volumes intitulados *Sartre Hoje* (CASTRO; NORBERTO, 2017), pela Editora Fi de Porto Alegre. Os livros, que também nos serviram nesta pesquisa, apresentam uma coletânea de diversos artigos de especialistas renomados, que discutem diferentes abordagens do existencialismo no mundo contemporâneo.

⁶ Benny Lévy, aqui no papel de entrevistador de Sartre, foi durante anos, principalmente naqueles em que o filósofo desenvolveu a cegueira, seu íntimo colaborador e fiel secretário.

face de uma situação terrível, quer construir algo. Se não há mais o que esperar, há que se criar a própria esperança.⁷

Mas, qual seria esse futuro ao qual o filósofo se refere? Seria esse nosso tempo atual ou outro mais além, muito além? Jamais saberemos! Já se passaram mais de três décadas desde sua última entrevista e, de certo modo, podemos perceber, quão significativa é esse tempo para nós na escala da nossa existência. Sem sombra de dúvida, agora o que se percebe, é que o mundo no qual vivemos atualmente, não se mostra muito diferente daquele em que Sartre viveu seus últimos dias. Amaça recorrentes, como o medo constante da eclosão de uma possível terceira grande guerra nos afeta a todos. A instabilidade política e social nunca foi tão visível quanto agora. O avanço desenfreado dos nacionalismos, consequência da questão dos refugiados de guerras no Oriente Médio e na África, agora disseminados pela Europa e, acima de tudo, a imensa desigualdade social, fomentada pelo capitalismo selvagem e cruel assola os homens em todos os lugares. E, porque também não dizer sobre algo ainda pior: *o extremismo do fundamentalismo islâmico*, visto como possível estopim para deflagração de um conflito de proporções apocalípticas, consegue cada vez mais adeptos. Tudo aquilo que há pouco mais de três décadas Sartre presenciava no seu tempo de então, presenciamos nós agora em nosso mundo e em nosso tempo que, de certa maneira, nada mais é do que um nítido reflexo do mundo e do tempo de Sartre nos seus últimos dias⁸.

A concepção sartriana de que é tarefa do escritor e do filósofo escrever para o seu tempo, pensar as questões inerentes à sua época, nos convida a refletir sobre o nosso tempo e as questões fundamentais da nossa época. Desde a sua morte, em 1980, o cenário mundial enfrenta problemas não tão diferentes daqueles de antes da partida de Sartre. O imperialismo e o terror, a crueldade do capitalismo e a possibilidade sempre presente de uma nova guerra – mais tecnológica e televisionada que as anteriores, são, sem muitas variantes e novidades, preocupações que poderíamos dizer conhecidas desde o final do século XX. Por outro lado, uma onda conservadora e reacionária, com

⁷ Vale lembrar aqui, que o sentido conceitual para esperança dado por Sartre, ganha contorno que foge ao sentido vulgar da palavra que é teleológico e idealista, pois não visa algo de imediato. O sentido sartriano desta palavra está mais voltado para o imediatismo da ação humana.

⁸ Sobre essa temática ler o artigo de Luiza Helena Hilgert intitulado “*Écrire pour son époque: Sartre e as questões do nosso tempo*” (2017) que trata do racismo, xenofobia e antissemitismo a partir de textos pouco conhecidos de Sartre.

casos de antissemitismo e fascismo, tem crescido com uma velocidade e força que possivelmente assustaria até o mais pessimista ou o mais comprometido politicamente dos filósofos. (HILGERT, 2017, p. 12)

Diante de tais circunstâncias, caberia a nós esse importante papel que é o de avaliar o nosso mundo de agora, sobretudo no seu contexto político, calcados, exclusivamente, na métrica sartriana? Para melhor esclarecimento: não nessa métrica da velhice, influenciada pela desesperança e pelo o desengano mas, naquela, dos primórdios, dos tempos idos, onde o grande filósofo diante da incompreensão de muitos, devido ao hermetismo de sua obra *O Ser e o Nada* (1943), com sua verve inflamada, vaticinava a seu favor como sendo “*seu existencialismo*” um humanismo e condição primeira de sua doutrina para a “*práxis*” da liberdade de ação do ser humano, diante dos percalços do mundo e da gratuidade de sua existência.

Diante dessa possibilidade, nesse primeiro momento, recorreremos ao auxílio do trabalho embora sucinto, porém, bastante instigante a esse respeito, de João da Penha⁹ intitulado de forma interrogativa: “O que é feito de Sartre 25 anos depois de sua morte? Qual o sentido de celebrarmos o centenário de seu nascimento?”

Neste artigo, o autor discorre com propriedade a respeito de uma possível validade do pensamento sartriano na atualidade. Mas, de imediato, quase nos leva a crer quão longínquo se tornou o ideal proclamado por Sartre de “uma sociedade onde toda gente pusesse as cartas na mesa, onde cada homem existiria integralmente para seu vizinho, exigência sem a qual jamais se logrará o estabelecimento de uma verdadeira concórdia social (PENHA, 2005, p.2)”. Esse horizonte parece afastado diante dos parâmetros prévia e sub-repticiamente estabelecidos pelas sociedades atuais, em que se percebe uma volta ao conservadorismo tão nefasto à manifestação da liberdade humana em todos os sentidos e, em todos os seus direitos. Direitos importantes

⁹ João da Penha é filósofo e autor de várias obras, dentre estas: *O Que é Existencialismo*, obra constantemente revisitada na elaboração desse trabalho de pesquisa.

para a construção do homem e da sua cidadania, ressalta-se aqui os sentidos de autonomia e de justiça, dentre outros de suma importância ao ser humano, e os direitos de ir e vir e de se expressar livremente, sem nenhum embargo ou influência de heteronomias repressivas.

Portanto, diante dessa situação, como poderemos nós validar o pensamento de Sartre em seu aspecto libertário, nesta atualidade que se mostra tão avessa e tão distante do seu propósito maior, a não ser através de um novo tipo de engajamento político onde o filósofo solitário e quixotesco do passado, agora cederia a voz e a vez às massas dos descontentes? Mas, só que isso parece impossível. Posto que as massas são acéfalas, mudas e distintas entre si e estão sempre voltadas aos seus próprios interesses que não deixam também de ser, em última instância, partes do interesse maior advindo do capitalismo predominante no mundo atual. Isto, certamente faz com que as ideias que antes propagavam-se uniformemente, hoje em dia, reverberem-se aleatoriamente nas grandes mídias perdendo-se assim, na maioria das vezes, o sentido e o seu valor.

Quanto a isto, Penha também ressalta em seu artigo, a posição tomada por Sartre diante de uma possível validade do seu trabalho filosófico no âmbito das gerações vindouras. Segundo ele, Sartre não demonstrava quase nenhum tipo de interesse sobre a perenidade de sua obra. Pois como ele mesmo dizia e é bem visível em alguns de seus escritos, não cabe ao escritor, e nem mesmo ao filósofo, antever a possibilidade de que num futuro distante, sua obra ou suas ideias determine ou descambe em algum tipo de modismo, seja ele literário ou filosófico. Sartre não via sentido algum em se buscar essa possibilidade de projetar para muito além do seu tempo as suas ideias. O que se percebe segundo Penha, é que o mais lhe interessava era mesmo o resultado imediato do seu propósito ou do seu engajamento:

Os livros, como amor, a carreira que se escolhe, os projetos revolucionários e tantos outros empreendimentos humanos, começam sem que saibamos seus resultados. A esse destino comum nem mesmo o escritor pode fugir. Como qualquer outro, o escritor (e, por extensão, os filósofos, pensadores e artistas) deve aceitar arriscar-se, perder-se. E ninguém, exceto os adversários encarniçados, negará a Sartre a coragem de ter-se arriscado em nome de suas ideias e de causas que defendia. (PENHA, 2005, p.3).

Mas, deixando-se de lado a falta de interesse de Sartre pela proficuidade perenal de sua doutrina, que acentuadamente já percebemos na medida do tempo, um tanto afastada de nós, mas não da nossa realidade, é bom que se saiba de antemão, que os grandes temas por ele explorados e fundamentados em sua doutrina, tais como: *Existência, Liberdade e Responsabilidade*, são temas “clássicos”, atemporais e que, portanto, são cabíveis em todos os períodos e em todos os momentos da história humana. Sartre acercou-se desses temas sempre com maestria e desvelo, não por acaso, portanto, eles se tornaram a base de sua doutrina existencialista. Pois, de que outro modo, se daria o seu pensamento, germinado a partir do *niilismo* advindo daquela época de incerteza e desesperança que foi a da “Segunda Guerra Mundial”? Certamente da maneira que se deu: na incerteza do *Nada* que é contrário à *Existência*, em meio à *Opressão* que é avessa à *Liberdade* e diante do *Caos* que é inimigo da *Responsabilidade e da ordem*. Por isso, é bom que se perceba que uma doutrina que se ergue vitoriosa nesse embate maniqueísta ainda tem muito a nos dizer.

Será sobre isso que pretendemos nos ater no tópico subsequentes, buscando pensar se há ainda uma tarefa para o existencialismo na contemporaneidade, diante das vicissitudes que ocupam nossa realidade.

3.3 A liberdade como primado do homem: gotas do contratualismo

Tomar a liberdade e os demais termos sartrianos e transpô-los para o presente não é tarefa fácil, urge que primeiro compreendamos seus conceitos e respeitemos sua estrutura, mas também que possamos ter autonomia suficiente para discutir uma retomada contínua de seus questionamentos, focando em como seu pensamento pode ajudar a tratar dos entraves do homem contemporâneo sem, no entanto, perverter a originalidade da sua filosofia.

Por isso, ao tratar da liberdade, almejamos mais do que somente tentar encaixá-la ao nosso momento atual, do mesmo modo que se encaixa uma peça em um quebra-cabeça pois, sob o ponto de vista de Sartre, a *Liberdade* ganha contornos especiais se analogicamente a situarmos em meio a interpretações mais diversas, resultado dos pensamentos daqueles que se debruçaram sobre ela ao longo dos anos, no intuito de trazê-la à lume, não mais como um conceito metafísico ou uma abstração fechada em si mesma mas, como ferramenta principal para consecução de teorias racionalmente voltadas à emancipação do ser humano e à superação dos problemas oriundos do seu *estado de natureza*.

Alguns desses pensadores da história da filosofia merecem especial destaque, principalmente aqueles que por corroborações posteriores aos seus trabalhos filosóficos em prol da humanidade, galgaram o patamar da fama, pela primazia de serem eles os teorizadores do *Estado Civil* moderno.

Iniciemos, tratando de Thomas Hobbes, filósofo inglês (1588-1679), que defendia a ideia de que no *estado de natureza*, o homem é livre e detém o direito de agir convenientemente como lhe for preciso, no sentido de preservar a sua vida. Isso, devido à ausência de regras ou de um acordo que lhe garanta a harmonia e paz sob a égide da *Lei*. Daí a necessidade, segundo ele, de um *estado absoluto*. Ainda um pouco mais atrás: podemos destacar o que diz em contraponto com Aristóteles (384 a.C. / 332 a. C), filósofo grego que defende à ideia de que os homens por natureza são *animais políticos* e, portanto, propensos a viverem em comunidades. Sob o seu ponto de vista, Hobbes afirma, de que eles os homens, estão sempre voltados para si mesmos. Fato esse que conseqüentemente leva-os, induzidos pelo medo imposto pela insegurança que brota no meio em que vivem, a se encontrarem em permanente estado de guerra.

Por outro lado, John Locke (1621-1704), filósofo de origem britânica assim como Hobbes, mas divergente em pensamento, defende à ideia de que todos nós, os seres humanos,

nascemos e somos livres e, também somos seres racionais, portanto, somos todos iguais e norteados pela razão. Para ele, em nosso estado de natureza somos partícipes de uma sociedade natural que é a própria humanidade e em nossos destinos, temos o zelo de manter a paz e a nossa humanidade; reconhecer e não ferir o direito do nosso semelhante. Mas, mesmo assim, vivendo em liberdade e em pé de igualdade e de direito no seio dessa sociedade natural, o homem está exposto à certas inclinações, como aquelas que o leva a tirar proveito em seu benefício ou no daqueles que lhes são próximos. Vem daí a necessidade de se fazer um acordo, onde todos em condição de liberdade, chegassem ao estado civil, não à maneira de Hobbes sob poder do tirano, mas através de um contrato no qual se estabeleceria a condição de que todos os homens se governariam a si mesmos, sem distinção hierárquica daqueles que governam e daqueles que são governados.

E, por fim, encerrando essa explanação, expomos a figura do genebrino Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), um dos maiores filósofos da modernidade e, último da tríade dos contratualistas, pois assim eram designados aqueles que em seus pensamentos dispuseram-se a formular as bases do estado moderno. Rousseau teve suas ideias sobre liberdade e igualdade de direito como fonte de inspiração e norteamento para a Revolução Francesa (1789), marco divisório de duas épocas distintas da história da humanidade e, prenúncio de uma nova era onde os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, eram postos em prática. Tornando assim a todos os franceses, cidadãos. Rousseau, encarava a liberdade como fonte de direito, de dever, bem inalienável do homem e parte fundamental de sua essência. Segundo ele: “O homem nasce livre e por toda parte encontra-se a ferros e aquele que se crê senhor dos demais não deixa de ser mais escravos do que eles”. (ROUSSEAU, 1991, p. 22). O que leva a crer que a liberdade é condição primeira para sua existência:

Essa liberdade comum é uma consequência da natureza do homem. Sua primeira lei consiste em zelar pela própria conservação, seus primeiros cuidados são aqueles que se deve a si mesmo, e, assim que alcança a idade da razão, sendo o único juiz dos

meios adequados para conservar-se, torna-se, por isso, senhor de si (ROUSSEAU, 1991, p. 23).

Assim percebemos como historicamente é indispensável a preservação da liberdade na construção do Estado. Se isso já se mostra essencial na constituição da modernidade, a partir das teorias contratualistas e efetivada pelas revoluções que defendem os ideais democráticos, vejamos como esses valores inspiram a filosofia sartriana e de que modo seus frutos podem gerar novas interpretações para a política hodierna.

3.4 Sartre e a liberdade pelo horizonte da contemporaneidade

Sartre, assim como os seus predecessores, por meio de sua doutrina, também dispôs a *liberdade* como condição primeira para elaboração da vida. Embora um tanto quanto *sui-generis*, emprestou-lhe alguns adornos que lhe trouxeram um novo aspecto a ser inserido ao filosofar e, garantiram-lhe o atestado de autenticidade dentro de um pensamento sempre voltado para à ação.

A inserção do homem ao meio político, através desse juízo, dá-se principalmente quando, em busca de solução para os seus problemas, se afirma, por meio de uma ação previamente arquitetada por ele e, posteriormente efetivada sob certas condições, que são alheias à sua liberdade. Dentre estas podemos destacar: a época e a sociedade em que se vive, pois não as escolhe *a priori* ou os entraves que circunstancialmente se apresentam, pois são contingenciais. E, sendo o homem um constante afirmar-se no mundo, se faz necessário que ele afira constantemente suas medidas com autonomia e zelo para que, somente assim, possa com responsabilidade validar as suas ações pessoais e torná-las legítimas a todos os outros.

Essa atitude responsável parece impossível nos dias atuais que se mostra globalizado e insensível a individualismos políticos. O que se percebe hoje em dia no campo político, é algo

totalmente contrário a esse pensamento que se sustenta a princípio — ao nosso ver —, na lógica da indução. Pois dada a sua conformação, germinada em caráter particular, têm-se a impressão de que este universaliza-se por meio de uma infinidade de indivíduos que se afirmam objetiva e mutualmente em suas ações, sem qualquer avaliação precedente, não considerando e respeitando as singularidades de todos os indivíduos dessa aldeia global que é o mundo contemporâneo. Por outro lado, também não podemos descartá-lo por completo posto que as massas proliferam em detrimento da diversidade, não pela vontade de todos os indivíduos do mundo, mas devido as circunstâncias impostas por pelo poder econômico, que soberanamente se impõe sobre outros poderes, principalmente aqueles que emanam diretamente da vontade do povo.

Por tudo isso, ainda existe mesmo que remota, a possibilidade de tomarmos o pensamento de Sartre voltado para à ação, como modelo para que as minorias subjugadas pelo capitalismo manifestem seus anseios. Isso aconteceria, não por meio da pluralidade de ações independentes, mas, interligadas por uma intersubjetividade ativa que possibilite o direito de se lutar por aquilo que se almeja, não mais se buscando a universalidade iluminista — que é utópica —, mas respeitando as diversidades que compõe o mundo, a singularidade e alteridade de todos nós. Nesse sentido, a ação deve valorizar as dádivas que nos são mais caras e preciosas: *Liberdade e Autonomia*.

Pensar politicamente o nosso momento atual sob o viés do existencialismo de Sartre é também nos afastarmos um pouco da sua fundamentação teórica e observar com cautela a tomada de posição do filósofo frente as tendências políticas da sua época e perceber até que ponto o seu engajamento corrobora o seu pensamento. Sartre por meio do semanário parisiense “Le Nouvel Observateur” — aqui já citado e do qual foi colaborador por vários e longos anos —, manifestou-se em relação à política, tendo-a não como um modismo que o indivíduo possa seguir à sua própria vontade mas, como sendo uma extensão do ser humano. Algo ao nosso ver,

bem parecido com que há muito tempo atrás foi dito por Aristóteles (384 a.C. / 332 a.C.), ao definir o homem como *animal político*. Diz ele também que nas sociedades atuais isto não tem relevância, posto que ela é intrínseca e restrita somente a nós. Mas que assim mesmo devemos agir em defesa da nossa vida e dos nossos direitos, principalmente em relação àqueles que nos reprime. Debray citando Sartre, afirma:

Mas a política o que é? Para mim ela não é *uma atitude* que o indivíduo possa adotar conforme as circunstâncias, mas sim uma *dimensão* da pessoa. Nas nossas sociedades, é indiferente que a gente “faça” ou não a política, pois nascemos politizados; não pode existir vida individual ou familiar que não seja condicionada pelo conjunto social a que pertencemos e por consequência, todo homem pode e deve — ainda que para defender sua vida privada — agir sobre os grupos que o condicionam: tanto no caso em que ele se deixa levar pelo curso das coisas, como quando ele tenta alterá-lo, existe uma eficácia coletiva que determina um crescimento real e uma socialização da sua pessoa (DEBRAY, 1981, p. 67).

Em sua maneira de dizer o que é política, um conceito básico da sua doutrina torna-se evidente: A *má-fé*. Segundo ele, o indivíduo tem que agir em seu benefício, ou seja, não existe nenhuma possibilidade dele abster-se dessa ação, mesmo que seja ela em função de ser levado pelo *curso das coisas*, como acima diz o filósofo. Nesse caso, percebemos, que a *má-fé* se instaura como sub produto da escolha às vezes necessária que precede à ação e que jamais pode excluída da lista de possibilidades do agir. Pois é do ser humano o direito de escolher, e seja qual for a sua escolha, ela sempre se fará presente e cabível em sua vida. No homem, a escolha sempre estará presente, até mesmo paradoxalmente em ausência dela mesma. Mas, por outro lado, também o que se percebe nessa fala é que por *ser-no-mundo* o homem está constantemente voltado para o meio em que transita, pois vive socialmente e segue os trâmites que lhe são impostos pela lei. Porém, diante dos fatos que se apresentam na maioria das vezes aleatoriamente, ou das circunstâncias previsíveis ou não, no intuito de segui-las ou dribla-las, é sempre com consciência e liberdade que o homem toma sua decisão. É bom lembrar que isso que se dá aos moldes do existencialismo de Sartre, mas não torna-se exclusivo dele, pois

percebemos que tal proceder transcende a qualquer doutrina e se adequa, caso queiramos, a todos nós. Independentemente de época ou de costumes, percebemos esse direito que é inaliável do homem, principalmente do homem sartriano, forjado na liberdade e na ação, desde que não ultrapasse arbitrariamente certos limites que lhe são impostos pela sociedade em que vive, mas que jamais serão empecilhos para que ultrapasse ou transcenda a si mesmo.

Atualmente, o que se observa diante da instabilidade política que se instaurou despudoradamente em nosso país, e se manifesta escandalosamente na mídia nacional, através de telejornais na maioria das vezes tendenciosos e, que se irradia sobre as nossas mentes, é uma generalizada apatia de nós brasileiros quanto aos rumos que estão sendo tomados por aqueles que foram designados por nós, por meio da livre escolha do voto, embora secreto, para nos representar perante ao Estado. Isso decorre, talvez, do malogro em que se tornou a democracia brasileira, que em sua ilegítima concepção se distancia em progressão geométrica daquele que é o significado original desta forma de governo, justamente um governo para todos. A representatividade e participação política são anseios que foram tão almejado por nós, que durante vários anos, quase duas décadas, em meados do século passado, nos foi negado por consequência de intervenção militar que deveria ser transitória mas logo se transformou em regime de exceção e de direita:

O novo poder político estabelecido no golpe extinguiu os partidos políticos e instaurou o bipartidarismo, com argumentos de que este sistema e essas medidas políticas que estavam sendo negociadas seriam símbolo de uma modernização política, na defesa dos interesses nacionais. Patrocinados pelos grupos liberais e de extrema direita, o golpe militar de 64 adotou uma política marcada pela repressão aos movimentos de resistência, com intervenção nos sindicatos, a proibição de greves, imposição de uma política econômica de estrangulamento salarial e desarticulação da estabilidade de emprego. A angústia, convenientemente manipulada por essas tensões políticas, tornou-se aliada da repressão e do desemprego, o que afastou do cenário político e das manifestações de reivindicação os trabalhadores, que coagidos, resignaram-se às novas regras trabalhistas. A repressão funciona muito bem articulada nos mais diversos meios de comunicação em massa e a sensação de apatia do povo brasileiro e o descaso com a política nacional, se confirmava a cada instante. (PAIVA; BITTENCOURT, 2017, p.40-41)

Ainda hoje percebemos os resquícios daquela época que se mostra sorratamente oportunista e ganha a voz e a vez na garganta daqueles que nesse momento de instabilidade moral e política proclama sua volta com grande fervor: A *Jovem Democracia* que adveio com a queda desse regime autoritário que se iniciou com golpe de 31 de março de 1964 e se estendeu até meados dos anos 80, que deveria ser a realização do sonho de liberdade de todos os brasileiros, firmada na “Constituição Cidadã” outorgada em 1988, marco promissor de uma nova era, transformou-se com o passar dos anos, num enorme pesadelo que assusta a todos nós. Em sua essência, “Democracia” pode ser definida elegantemente como são definidas todas as leis pautadas na verdade e que se mostram sem subterfúgios universalmente válidas: Regime político que se funda nos princípios da soberania popular e da distribuição equitativa do poder¹⁰— ou por outras palavras —, regime de governo que se caracteriza em sua essência pela liberdade do ato eleitoral, pela divisão de poderes e pelo controle da autoridade, isto é, dos poderes de decisão e de expressão¹¹. Hoje em dia, aqui no Brasil, o nosso sistema de governo que se diz democrático, não condiz com aquilo que encerra esse conceito, principalmente no que se refere à soberania popular. Essa, que deveria ser mostrada pela ampla liberdade de expressão do nosso povo, camufla-se atualmente na má-fé que é nociva a todos nós.

Mas, como percebemos, bem mais acima nas palavras de Sartre, sobre o que é política, no seu modo de ver, a má-fé faz parte da condição humana. E suas consequências que sempre se mostram negativas, na maioria das vezes, manifestam-se em decorrência do desespero diante do nada que confronta e anula a nossa ação em favor do nossos direitos, que extensiva e redundantemente, também são os direitos de todos nós brasileiros. Isto prolifera, podemos dizer, dentro de sistemas viciados assim como o nosso; que nos condiciona a todos, e nos faz sentir alheios às decisões que nos são cabíveis e, maquiavelicamente toma as rédeas do poder

¹⁰ Dicionário Brasileiro Globo.

¹¹ *Ibidem*.

em detrimento de muitos para o benefício de poucos. Mas, como diria Sartre: “*O essencial não é aquilo que se fez do Homem, mas aquilo que ele fez daquilo que fizeram dele*”¹²

Nesse sentido, a essência do brasileiro não foi, não é, e jamais será calcada na apatia ou na má-fé. O que percebemos agora em relação ao nosso povo é algo anômalo e que fere o ideal daqueles que durante o curso da nossa história, se fizeram heróis em causa da Liberdade. Segundo Sartre em seu ensaio *O existencialismo é um humanismo*, o homem se constrói. A esse respeito vejamos o que diz o artigo sobre o pensamento político de Sartre: “A resistência sob o fogo cruzado do capital” de *Eliana Sales Paiva e Rita Bittencourt*:

(...) essa construção se dá em amplos aspectos; mesmo que alienada, é o homem em sua subjetividade que constitui um projeto de si para o mundo. O engajamento político do indivíduo é nauseado, angustiada, desesperado, sem garantias de nenhum caminho firme para percorrer e que sabe que terá que agir para ter a possibilidade de existir. A má-fé como alternativa política, não faz sentido, porque uma vez em que o homem se faz, ele não tem como se furtar de sua ação ou posicionamento, nem fugir de sua própria construção, a qual se processa em situação e em conflito. (PAIVA; BITENCOURT, 2017, p.46)

Se é nossa intenção mostrar nesse capítulo a validade ou não do pensamento de Sartre em nossa atual situação política, desde já, podemos vislumbrar algum avanço neste sentido. Embora esteja ele em princípio, pautado na má-fé, devido as circunstâncias que se apresentam atualmente na sociedade brasileira, de outro modo talvez não poderia sê-lo. Tais circunstâncias são frutos, pois, das nossas próprias escolhas, que caem sobre nós reiteradamente todas às vezes em que somos instados a decidir pelo sufrágio os nossos destinos.

Mas porque assim o fazemos? Se nosso atual sistema de governo nos garante ampla liberdade de escolha pelo voto, em que sentido difere nossa liberdade daquela que o existencialismo sartriano apregoa como sendo condição primeira para efetivação da nossa existência ou do nosso projeto de vida?

¹² Cfme DEBRAY, Régis. *O testamento de Sartre*, 1981, p.14.

Se faz necessário que se reflita sobre esta questão! Pois o que percebemos agora de nós brasileiros, nesse momento atual, é a falta de compromisso e comprometimento político para com a nossa pátria. As vozes que, até pouco tempo atrás clamavam por mudanças, agora diante do caos político em que transformou-se o nosso país, permanecem caladas, dando mostras de quê? Desilusão ou conivência? Seria-nos até compreensível se esse silêncio geral adviesse provocado pelas forças coercitivas do Estado, mas não é o caso. Atualmente temos a nosso favor, além de nossa liberdade de expressão que é primordial, aquilo que nos seria impossível em décadas passadas, a celeridade das redes sociais que nos conecta com todo o planeta em questão de segundos. Ou até mesmo à nossa disposição a grande mídia radio televisiva, em maioria comprometida com o *Grande Capital*, que nos abriria as portas mesmo a troco de audiência para que expuséssemos os nossos anseios. E também porque falar do clamor das ruas que foi tão profícuo há bem pouco tempo atrás. Tudo isso que estamos vivendo, nos leva a crer, que é aquilo que o existencialismo mais abomina: é o produto da *má-fé* e, nesse sentido Sartre é categórico:

Pode julgar-se um homem dizendo que ele está de má-fé. Se definimos a situação do homem como uma escolha livre, sem desculpas e sem auxílio, todo homem que se refugia na desculpa que inventa um determinismo é um homem de má-fé. Objetar-se-á: mas porque não se escolheria ele de má-fé? Respondo que não tenho que julgá-lo moralmente, mas defino a sua má-fé como um erro. Neste ponto não se pode escapar a um juízo de verdade. A má-fé é evidentemente uma mentira, porque dissimula a total liberdade de compromisso (SARTRE, 1978, p. 19).

O que leva o povo brasileiro em sua atual letargia a agir por má-fé nesse momento que é crucial para o nosso amadurecimento político, tendo em vista a atitude da própria justiça brasileira, que dar mostras de comprometimento antes nunca visto para com o Brasil, julgando e punindo com celeridade uma gama de políticos do mais alto escalão, que se mostraram corruptos e que em outras épocas jamais seriam punidos? Seria exaustão? Podemos arriscar! O nosso povo está exausto de presenciar ano após ano o descaso político que se proliferou no Brasil. A cada eleição escolhemos livremente nossos representantes de forma direta mas, o que

percebemos é que não os escolhemos corretamente, pois indiretamente eles não nos representam de verdade. Nisso transparece a falta de bom uso da nossa liberdade, que acima de tudo é a mola principal da engrenagem da vida, pois reafirmando o pensamento sartriano, o homem se constrói.

Nesse sentido, o que nos falta de verdade não é coragem e nem responsabilidade, mas principalmente, conscientização política, discernimento fundamental que nos é deficitário. Nesse momento atual, sentimos a ausência da intelectualidade brasileira, que não se manifesta e se faz calada. Nossas cabeças pensantes que compõem a *intelligentsia* nacional não refletem o nosso momento. E se pensam, tais pensamentos volatizam-se nas mídias, porque não são bem fundamentados, intercalam-se ou não tem coerência.

Segundo Moura em seu artigo: “Sartre e a Política”, o que dificulta o exercício da política é o grande obstáculo da falta de conhecimento:

Mas o sujeito se depara com um grande obstáculo, isto é, com as dificuldades que ele encontra para o exercício de sua autonomia política. O saber mínimo que lhe seria necessário para desempenhar seu papel de cidadão é extremamente insuficiente. Essa carência de conhecimento não possibilita ao sujeito alcançar uma autonomia que lhe permita se orientar no mundo e compreender a multiplicidade de situações que definem sua própria posição nesse mundo, nem mesmo oferece condições para que ele se coloque dentro de perspectivas convenientes para que possa julgar os acontecimentos (MOURA, 2009, p. 78).

Portanto, se realmente existe má-fé nos brasileiros e é empecilho para nossa liberdade de escolher e de agir com autonomia e responsabilidade, esta advém da falta cultura política. O Brasil na escala das nações democráticas, é um país jovem. Sua tradição política sempre esteve voltada aos interesses das classes dominantes, só pontualmente o nosso povo teve acesso ao poder, e mesmo assim foi barrado pelos golpes que nessas ocasiões acontecem transfigurados, pelo aparato que lhes garante em ato de legalidade:

O processo do golpe parlamentar de 2016, que destituiu a presidenta eleita sob argumentos de irregularidades fiscais, foi habilmente articulado pelo grupo de políticos que compõem a bancada do direito divino, aliados à elite financeira, e

conseguiu apoio popular ao manipular as informações veiculadas na mídia coligada ao golpe. O que parece ser um *déjà vu* de 1964 é-nos apresentados com elementos que confirmam a tese marxista de que os acontecimentos históricos se repetem duas vezes: a primeira como tragédia, a segunda como farsa. (PAIVA; BITENCOURT, 2017, p.44).

É muito arriscado desenvolver um trabalho de pesquisa e reflexão filosófica, tomando por base o pensamento sartriano, visando aprioristicamente resultados promissores, principalmente quando se vislumbra a conjunção de três elementos básicos para consecução desse propósito. Desses três elementos, dois são preponderantes: o existencialismo de Jean-Paul Sartre e o nosso momento político atual. O terceiro, que diretamente nos cabe, é uma possível reflexão sobre a viabilidade de interação desse dois elementos anteriores. Pensamos assim, sobre esse risco, em primeiro lugar, devido ao visível distanciamento de duas épocas distintas afastadas pelo tempo: a de Sartre e a nossa. Mas, por outro lado, também pensamos que é tarefa do escritor ou do filósofo ou de todos aqueles que se voltam para os problemas existenciais, buscar entendimento no pensamento daqueles que os precedem. ´

É justamente sobre isso que o filósofo afirmará na obra *O que é literatura?* ao tratar da irreversibilidade do tempo. Não é possível fugir a nossa atualidade, mas é possível mudá-la.

A irreversibilidade de nosso tempo só pertencia a nós, era preciso salvar-nos ou perder-nos, era preciso realizar nossos ofícios de homens em face do incompreensível e do insustentável, apostar, conjecturar sem provas, empreender na incerteza e perseverar sem esperança; a nossa época poderá ser explicada pelos historiadores, mas isso não impede que, para nós, ela tenha sido explicável, isso não tirará de nós o seu gosto amargo, esse gosto que ela terá tido só para nós e que desaparecerá conosco. (SARTRE, 1989, p. 166).

Por isso, nesse último capítulo desse trabalho de pesquisa e reflexão assumimos o desafio e fomos no encalço desse mister, qual seja, retomar com originalidade o pensamento desse grande filósofo que é Jean-Paul Sartre e utilizarmos para refletir a nossa época. Pensamento este, firmado na ação livre do indivíduo. Nada mais justo do que termo-nos voltado para a doutrina do filósofo da ação, que em seu tempo sempre esteve envolvido em questões políticas e sociais, para que assim pudéssemos ponderar sobre o nosso momento político atual, que se mostra instável e comprometedor.

Será esse um dos maiores aprendizados que a filosofia sartriana pode nos legar, a capacidade de perguntar acerca de nosso momento histórico e, pela relação com outras obras e épocas, propor respostas que emergem da criação humana. É isso que faz a boa literatura e a verdadeira filosofia:

O papel do escritor está definido: enquanto negatividade, a literatura contestará a alienação do trabalho; enquanto criação e superação apresentará o homem como ação criadora e o acompanhará em seus esforços para superar a alienação presente, rumo a uma situação melhor. (...) Os escritores foram levados pelas circunstâncias a examinar as relações entre o ser e o fazer, segundo a perspectiva de nossa situação histórica. Somos aquilo que fazemos? O que fazemos a nós mesmos? E ocorre isso na sociedade atual, em que o trabalho é alienado? Que fazer, que finalidade escolher, hoje? E como fazer, por quais meios? Quais são as relações entre o fim e os meios numa sociedade baseada na violência? As obras inspiradas em tais preocupações não podem aspirar primeiramente a agradar: elas irritam e inquietam, colocam-se como tarefas a cumprir, convidam a buscas sem conclusão, mostram experiências cujo resultado é incerto. (SARTRE, 1989, pp. 173-174)

É bom lembrar que mesmo vivendo na Europa, e em condições distintas das nossas, Sartre sempre demonstrou muito interesse para com os problemas dos países do *Terceiro Mundo* (termo anteriormente usado para designar os atuais países em desenvolvimento), e esteve aqui no Brasil em 1960, a convite do escritor Jorge Amado, onde proferiu várias palestras. Mesmo assim, não é fácil conciliar seu pensamento brotado na França, país diferente do nosso, absorto na derrocada que foi a Segunda Guerra Mundial e, em circunstâncias adversas às nossas próprias circunstâncias. Portanto, o que a princípio era desafio ora percebe-se como escopo. Muito embora rudimentar e incipiente, pois foge às regras da ortodoxia filosófica, e adentra livremente por caminhos levados pela ação, esse trabalho se manteve fiel ao seu propósito, que primeiro é de discorrer de forma mais simples possível sobre a vida e o pensamento existencialista daquele que possibilitou por último, trazer a lume, mesmo que implicitamente através dessa reflexão, algumas questões em aberto mas, pertinentes ao nosso momento político atual. É gratificante! Quem sabe talvez, também o seria para Sartre perceber quão necessária ainda hoje é sua doutrina, para se pensar o homem e os seus problemas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A filosofia nos concede enxergar o mundo em tal amplitude que talvez nenhuma ciência nos conceda. O olhar filosófico às vezes críticos, às vezes reflexivo, permite-nos alçar longos voos rumo ao desconhecido em busca de conhecimento. E foi no encaixo desse conhecimento, que esse trabalho, antes um projeto, germinou, floresceu e frutificou. O que antes era sonho foi se realizando ao longo dos meses. Fez-se por ele mesmo. Assim como se faz o homem sartriano. Que diante do nada da existência toma consciência de si e projeta-se no mundo.

Tomar consciência de alguma coisa é saber que ela existe. O existencialismo como pensamento sempre existiu. Mas dessa maneira pragmática, que foge aos ditames do filosofar ortodoxo, só mesmo em Sartre seria possível. Nesse longo voo alçado pelos ventos do estudo e da pesquisa, percebemos que com afinco e determinação podemos tudo. Trazer à tona de modo simples um dos pensamentos mais herméticos da contemporaneidade e procurar encaixá-lo pragmaticamente, em nosso contexto político atual, é algo por demais desafiador.

Seria muito fácil falar em Liberdade como muitos já falaram. Mas, da maneira como Sartre falou, atrelando-a à *Responsabilidade*, sem ao menos ter no homem nenhum a priori que o conduza, não é tão fácil. Se faz preciso que nos dispamos de velhos costumes e de velhos preconceitos, para que somente assim, desse modo, possamos adentrar incólumes na filosofia humanista sartriana, visivelmente ateia.

Portanto, foi a partir desse pensamento calcado na ação, que tomamos consciência com o passar do tempo, sem nenhum ranço dogmático, de que é humanamente viável se pensar o homem e o mundo e, enfrentarmos e resolvermos os nossos problemas, firmados apenas na *Liberdade*, na *Autonomia* e na *Responsabilidade*, esse tripé que nos soergue no mundo.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **A Política**. 15ª ed. Tradução de Nestor Silveira Chaves. São Paulo: Coleção Mestres Pensadores. Editora Escala. 1996.
- BAUMAN, Zygmunt. **Em busca da Política**. Tradução Marcus Penchet. Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 2000.
- BENNY, Lévy. **O Testamento de Sartre**. v. 1, Porto Alegre: L&PM, 1986. (Série Oitenta Especial).
- BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxford de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997. Consultoria da edição brasileira: Danilo Marcondes. 437 p.
- BOLDA, Marcio da Silva. **Metafísica e Assombro: Curso de Ontologia**. São Paulo: Paulinas, 1994.
- BORNHEIM, Gerd Alberto. **Sartre. Metafísica e Existencialismo**. São Paulo: Perspectiva, 1984.
- CASTRO, Fabio Caprio Leite de; NORBERTO, Marcelo S. (Orgs.). **Sartre hoje**: volume 2. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2017.
- CHAUÍ, Marilena. Introdução a Sartre. In: SARTRE. **Coleção os Pensadores**. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha traduções de Virgílio Ferreira et al. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- DEBRAY, Régis. **O testamento de Sartre**. São Paulo: Editora LP&M, 1981.
- FERNANDES, F; LUFT, C.P.; GUIMARÃES, F.M. **Dicionário Brasileiro Globo**. 50ª ed. São Paulo, SP: Globo, 1998.
- FIGUEIREDO, de Vinicius. **Seis Filósofos na Sala de Aula**. Ed. Berlendis. 2º edição 2006.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Bragança Paulista: EdusF; Petrópoles: Vozes, 2006.
- HILGERT, Luiza Helena. *Écrire pour son époque*: Sartre e as questões do nosso tempo. In: **Sartre Hoje**. Vol 2, Porto Alegre: Editora Fi, 2017.
- HUISMAN, Denis. **História do Existencialismo**. Bauru: São Paulo: EDUSC, 2001.
- KIERKEGAARD, Soren Aabye. **Diário de um Sedutor; Temor e Tremor; O Desespero Humano**. Trad.: Carlos Grifo, Maria J. Marinho; Adolfo C. Monteiro. In. Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- LÉVY, Bernard-Henri. **O Século de Sartre**. trad. Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MOURA, Carlos Eduardo de. **Sartre e a Política**. Artigo (V Seminário de Pós-Graduação em Filosofia) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009.

NOVAES, Adauto (org.). 2002. **O avesso da liberdade**. São Paulo : Companhia das Letras. **O que é feito de Sartre 25 anos depois de sua morte? Qual o sentido de celebrarmos o centenário de seu nascimento?**. Disponível em: revistacult.uol.com.br/home/atualidade-permanencia-sartre.

PAIVA; Eliane Sales; BITTENCOURT, Rita. A resistência sob o fogo cruzado do capital. In: **Sartre Hoje**. Vol 2, Porto Alegre: Editora Fi, 2017.

PENHA, João da. **O que é Existencialismo**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **O Contrato Social**. Coleção. Os pensadores, vol. XXIV. Tradução Lourdes Santos Machado. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

SARTRE, J. P. **O existencialismo é um Humanismo**. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha traduções de Virgílio Ferreira et al. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

SARTRE, J. P. **O Ser e o Nada**: Ensaio de Ontologia Fenomenológica. Tradução: Paulo Perdigão. 13. ed. revista. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

SARTRE, Jean-Paul. **A Náusea**. Tradução de Rita Braga. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. (Coleção Grandes Romances).

SARTRE, Jean-Paul. **O que é literatura?** São Paulo: Ática, 1989.

SILVA, Franklin Leopoldo e. **Ética e Literatura em Sartre**: ensaios introdutórios. São Paulo: Unesp, 2004.

STRATHERN, Paul. **Sartre em 90 minutos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.